

Ministério da Cultura, Instituto Cultural Vale e
IA – Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto apresentam

*1ª SEMANA
DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DE OURO PRETO*

11 A 20 AGOSTO 2023
MOSTRAS, SHOWS
SEMINÁRIOS, CONVERSAS
E AÇÕES PÚBLICAS

O Instituto Cultural Vale acredita no papel transformador da cultura, que amplia a visão de mundo e cria novas perspectivas de futuro. Pela cultura podemos expressar verdades, pensar, conhecer e nos inspirar para transformar o simples em extraordinário.

Sendo assim, estar ao lado da Semana de Arte de Ouro Preto é, também, ser parte deste movimento de valorização, reconhecimento e celebração da arte como ferramenta para vislumbrar futuros possíveis e refletir sobre o passado.

Onde tem cultura, a Vale está.

5	<i>1ª Semana de Arte Contemporânea de Ouro Preto: a arte como função</i> <i>Bel Gurgel</i>	29	<i>se quiser saber do fim, preste atenção no começo –</i> <i>Exposição Advânio Lessa</i> <i>Valquíria Prates</i>
7	<i>O Museu da Inconfidência</i> <i>Alex Calheiros</i>	33	<i>Ano que vem brilharei –</i> <i>Exposição Emiliana Marquetti</i> <i>Valquíria Prates</i>
9	<i>Programa de residências IA, um território comum</i> <i>Tainá Azeredo e Valquíria Prates</i>	37	<i>Ouvir ou a arte da escuta –</i> <i>Exposição Craca</i> <i>Wagner Nardy</i>
11	<i>Mapa geral da semana</i>		
13	<i>O corpo invisível da memória</i> <i>Tainá Azeredo e Valquíria Prates</i>	39	<i>A ponte ou estratégias de sublimação –</i> <i>Performance Sublimar_04</i> <i>Wagner Nardy</i>
27	<i>Cartografia de encontros: arquivos do Programa de residências IA</i> <i>Tainá Azeredo e Valquíria Prates</i>	41	<i>Mesas Encontros com a Arte Contemporânea</i>
		42	<i>Programas Públicos</i>
		45	<i>Programação geral</i>

1ª SEMANA DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE OURO PRETO

A ARTE COMO FUNÇÃO

BEL GURGEL

*Diretora Artística do IA – Instituto de Arte
Contemporânea de Ouro Preto*

O IA, por natureza, existe para fomentar e repensar as expressões artísticas das comunidades de Ouro Preto, Mariana e região (MG), suas conexões com a diáspora africana e as gêneses da nacionalidade recriadas pelo modernismo. Por meio de residências artísticas e a valorização do patrimônio histórico e cultural, o IA intenta promover diálogos entre artistas contemporâneos em seus processos de criação e o enraizamento histórico cravado no território local.

Promover, por meio dos deslocamentos das expressões artísticas e da escuta das cidades históricas, um processo de descolonização do olhar, criando conexões com o território Brasil. Fomentar a transição entre o moderno e o contemporâneo através de um processo cartográfico, de mapeamentos etnográficos e afetivos nesta cidade com tamanho enraizamento histórico, para que, assim, possamos fazer parte de um todo. Quem sabe, de nós para nós mesmos, os que estão acostumados a pensar de fora para dentro consigam pensar de dentro para fora?

Pensando um dos sentidos do “contemporâneo”, ele é e será sempre o hoje, o agora. É o que vem, assim, depois do modernismo? Neo-modernismo? Pós-modernidade? Vanguarda? Não importa a palavra - deixem-nas para os historiadores, curadores e pesquisadores. Nessa coisa anódina, o que importa, afinal, é alcançarmos a transição entre tempos distintos e ao mesmo tempo complementares entre si.

A partir de assimilações indiretas, é preciso alcançar o senso de globalidade, sem contudo, cair nas armadilhas nocivas da globalização. É preciso colocar o dedo na ferida. Não se trata da superfície, de atributos apenas estéticos. É sobre colocar em voga o que a globalização engoliu, nessa antropofagia. É preciso repensar, recriar, buscar o novo que existe e mora, latente, no antigo. É saber lidar com paradoxos e, diante do transitório, criar o inominável, o que sempre está por vir.

A desafiante saída diante das aporias atuais está no dialogismo, na polifonia crítica e criativa, carnavalizadora e restauradora desta brasilidade por ela própria, brasilidade que descarta o niilismo e, em última instância, a morte. Por isso, é necessário diagnosticar este local, onde tudo começou. Novamente: a arte como função descolonizadora.

São três aspectos de uma complexa questão sobre a arte: ter uma função, ser uma função e não ter função nenhuma. Os sistemas sociais, físicos, políticos e naturais se organizam em equações nas quais elementos não apenas estão em relação, mas são funções uns dos outros. A função é um campo de força. O desejo da descolonização por meio da arte não apenas tem uma função, mas é uma função imprescindível ao sistema orgânico, social e histórico desta cidade.

Depois de 100 anos do mito da Semana de Arte Moderna, o exercício se manifesta, o poder da cartelização não está na Europa, está na revisitação da nossa própria história. Portanto, é necessário des-re-construirmos o mito; e a melhor homenagem que podemos fazer aos mestres de 22 é contestá-los hoje, na delícia do agora. Não para que a arte brasileira volte ao passado ou se desprenda dele. Mas para possibilitar futuros. Futuros. Transições dessa dimensão não seriam possíveis sem Ouro Preto. E, claro, ela não será feita em apenas 10 dias. Um impulso dessa roda se dá na 1a. Semana de Arte Contemporânea de Ouro Preto.

O IA - Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto - quer trazer esta nova gestação à cidade, promover uma vivência multidimensional, que nos permita descobrir a potência das diversidades de gêneros, origens, artes. Com espaços de trocas, de mediações. Agir com a consciência de que fazemos parte de um todo e nada nos pertence. Fazemos parte do conjunto, e isso muda tudo. Esse novo olhar nos vincula ao social que nos originou, impulsionando nosso reconhecimento pela existência do outro, estabelecendo inter-relacionamentos reais. A revitalização artística transforma o não-lugar, restabelece sua existência, transformando-o, de fato, em lugar.

Se essa não é a função da arte do nosso tempo, qual seria, então?

O MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ALEX CALHEIROS
Diretor do Museu da Inconfidência

O Museu da Inconfidência foi criado por Decreto de 1938, assinado pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas e seu Ministro da Educação e Cultura, Gustavo Capanema, ato que marcou um momento importante na história da museologia brasileira. Tratava-se da criação de um museu dedicado ao recebimento dos restos mortais dos conjurados mineiros condenados ao exílio em África.

Criado inicialmente para abrigar o memorial, foi incumbido de colecionar objetos, documentos e obras de arte relativos à conjuração mineira, bem como seu contexto e importância para a formação da identidade nacional. A readaptação do edifício, outrora Casa de Câmara e Cadeia e posteriormente presídio estadual, foi confiada ao SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), dirigido à época por Rodrigo Melo Franco de Andrade (Belo Horizonte- MG, 1898), completando um projeto que vinha sendo desenhado para a constituição de uma certa diversidade de aparelhos culturais, capazes de dar corpo a uma interpretação e um projeto de país. Um memorial a um movimento anticolonial, no auge da exploração colonial, nas terras já não tão recentemente conquistadas, ansiosa desde sempre por emancipação política e cultural, resiliente na mentalidade e nas instituições públicas. Assim, situado no interior do país, num universo de museus nacionais quase todos dedicados ao período imperial, o Museu da Inconfidência foi, ao seu tempo, moderno e disruptivo, apesar das contradições inerentes a um país tão complexo quanto contraditório, implementado em pleno estado novo, ainda assim, consequência direta da lendária viagem dos modernistas a Ouro Preto (MG) em 1924. O Museu da Inconfidência é um museu histórico, não somente sobre um evento histórico da maior importância, mas, salvo engano, um projeto intelectual, hoje, acertadamente sob suspeita, mas que orientou e produziu alicerces robustos para uma necessária continuidade, como se costumava dizer, dialética.

Seu programa mudou, afetado pelas demandas que foram se apresentando, mas o cerne da condição que motivou sucessivas gerações a dar sua contribuição para um projeto político cultural em vista da independência parece permanecer inalterado: somos, ainda, carentes de direitos e de cidadania, uma tarefa que se estende no tempo aberto e no espaço determinado. Se a tarefa é permanente e exige habilidade e perspicácia, seus instrumentos são a razão e a imaginação.

Introduzir a arte contemporânea num espaço dedicado à memória é, portanto, dar-lhe uma ferramenta necessária para sua própria missão. O fato de que a todo - e a cada - momento somos interpelados a olhar nosso passado, significa dizer que esta tarefa exige um esforço de olhar para nós mesmos com um olhar renovado quando a própria história exige. Se a história é um trabalho por fazer, apesar de tudo o que já fizemos, tão pouco o museu pode se furtar ou temer deixar-se afetar pela força dos tempos, mesmo quando esta pode às vezes parecer demasiadamente violenta, pois ao fim, sabemos, o tempo forja a matéria-prima até encontrar sua melhor forma.

Submeter, pois, a estabilidade necessária de um museu histórico às intempéries que a nossa época está vivendo é fazê-lo continuar existindo, para que não se torne tão somente um monumento, mas sobretudo um oráculo, guardião não de verdades absolutas, mas de enigmas capazes de manter viva a chama da paixão pela liberdade que o justifica.

A parceria entre o Museu da Inconfidência e o IA – Instituto de Arte de Ouro Preto, na 1ª Semana de Arte Contemporânea de Ouro Preto, cidade patrimônio da humanidade pelo tesouro que guarda de um momento tão rico quanto violento da história de nosso país, é um exemplo do esforço que temos feito ao produzir os movimentos necessários para nos mantermos vivos e significativos para a sociedade na tarefa de sermos cada dia mais, nós mesmos.

PROGRAMA DE RESIDÊNCIAS IA, UM TERRITÓRIO COMUM

TAINÁ AZEREDO E VALQUÍRIA PRATES
Curadoras do programa de residências

As residências artísticas sempre facilitaram situações de encontro e compartilhamento de conhecimentos através de intercâmbios, imersões e reuniões de indivíduos e grupos. Para muitxs artistas, seus trabalhos e ideias acontecem em movimento, quando estão indo de um ponto a outro, quando estão em trânsito ou experimentando e movendo-se por novos territórios. Não se trata de encontrar um momento específico desse trajeto onde a obra acontece, e sim de um estado de existência, um estado sensível de permanente atenção para o que está ao redor.

Em 2020, com a crise sanitária mundial, o IA – Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto decide reestruturar seu programa de residência e convocar artistas e pesquisadores que tiveram suas produções comprometidas com o avanço da pandemia, a traçar paralelos entre suas práticas artísticas de ateliê e a inevitabilidade desse momento de observar e interagir a partir de um distanciamento social. Questionando a efetividade dos meios virtuais, e colocando em debate a ideia de acessibilidade e temporalidade, o programa de residências do IA se propôs explorar novas formas de habitar esses espaços de encontro e troca e incentivar a criação de trabalhos a partir dessa perspectiva.

Esta primeira experiência, que contou com a participação de 6 artistas, evidenciou a necessidade de dar continuidade a um programa virtual de residências, mesmo sem a obrigatoriedade de isolamento, dando oportunidade a artistas que por razões familiares, laborais, econômicas, não podem se deslocar a um outro espaço. Em 2022, recebemos 24 artistas em 4 programas, totalizando 30 artistas participantes. Nessa nossa combinação tão particular de tempo e espaço, construímos um território próprio, conjunto da multiplicidade de territórios que estivemos habitando. Se nosso ponto de encontro foi uma tela dividida em partes iguais, nosso processo aconteceu para dentro de cada casa, de cada ateliê, de cada ambiente particular.

Em nossos encontros e discussões em coletivo, nos acompanharam reflexões e experiências sobre os dilemas desse nosso presente histórico, que abrem espaço para uma relação compartilhada de práticas de descolonização do pensamento. Coletivamente articulamos dimensões éticas, afetivas e políticas na produção do conhecimento e nas práticas de cada pessoa.

Todos os trabalhos desenvolvidos na ocasião do programa de residência e os debates facilitados em cada uma das pesquisas formam parte de um arquivo disponível online, que pode ser acessado através do site: www.ia.art.br.

Tainá Azeredo

(1984, Brasília-DF, vive em São Paulo-SP)
É curadora, gestora e educadora. Graduada em dança e mestre em curadoria, crítica e história da arte, co-fundou e dirigiu, entre 2009 e 2018, o espaço de investigação artística Casa Tomada, em São Paulo, dedicado a práticas, pesquisas e residências artísticas. Em 2015 iniciou, junto ao artista Cláudio Bueno, o programa Intervalo-Escola, uma escola experimental e plataforma prática e reflexiva que mapeia, desenvolve e experimenta diferentes modos de aprendizagem em/contra/ sobre/a partir do campo da arte.

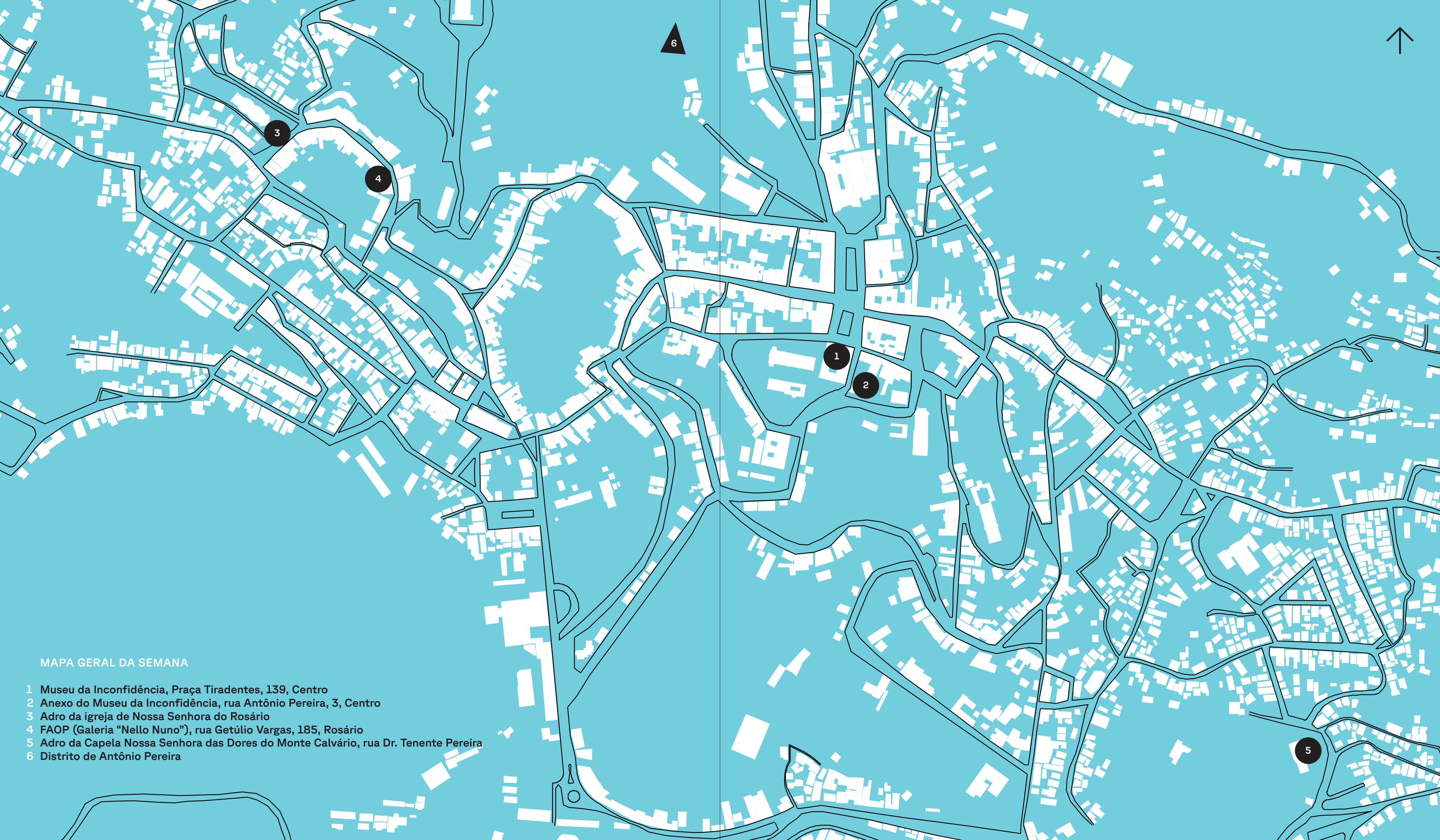
Nos últimos anos, foi curadora de exposições em São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Berlim, além de ter participado como pesquisadora ou coordenadora de residências artísticas como IA, El Ranchito (Madri), Curatorial Program for Research (Estônia e Finlândia), Create and Inspire (Londres, Emirados Árabes, Qatar e Arábia Saudita) AIR Laboratory (Varsóvia), Marabunta y La Ira de Dios (Buenos Aires). Entre 2020 e 2023 dirigiu o departamento de educação e programas públicos do Museu de Arte Contemporânea MARCO La Boca, em Buenos Aires – Argentina. Atualmente é curadora do IA – Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto (MG).

Valquíria Prates

(1977, São Paulo-SP, vive em São Paulo e Porto/Portugal)
É curadora, pesquisadora e educadora. Graduada em Letras e mestre em políticas públicas de acessibilidade pela Universidade de São Paulo, é doutora pelo Instituto de Artes da Unesp com a tese Como fazer junto: a arte e a educação na mediação cultural.

Fundadora da AVE (Agência de Viagens Espaciais), atua como colaboradora de museus, bibliotecas, universidades, escolas e instituições culturais, coordena programas públicos de arte, educação, mediação e formação, realiza curadorias de exposições e organiza publicações.

Atualmente é curadora do IA – Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto (MG), colaboradora de Arte, Pesquisa e Mediação Cultural do MAM São Paulo, do Pólo Sociocultural Sesc Paraty e do MIS do Rio de Janeiro.



MAPA GERAL DA SEMANA

- 1 Museu da Inconfidência, Praça Tiradentes, 139, Centro
- 2 Anexo do Museu da Inconfidência, rua Antônio Pereira, 3, Centro
- 3 Adro da igreja de Nossa Senhora do Rosário
- 4 FAOP (Galeria “Nello Nuno”), rua Getúlio Vargas, 185, Rosário
- 5 Adro da Capela Nossa Senhora das Dores do Monte Calvário, rua Dr. Tenente Pereira
- 6 Distrito de Antônio Pereira

O CORPO INVISÍVEL DA MEMÓRIA

TAINÁ AZEREDO E VALQUÍRIA PRATES
Curadoria

DE 11/08 A 16/10

Uma conversa é sempre construída por dois ou mais corpos, um que fala e outros que escutam, alternadamente.

Não é de ruídos que se sustenta uma conversa, mas sim dos silêncios que se fazem entre uma palavra e outra, da suspensão de gestos entre frases. Nesses espaços em branco, onde tudo está por definir-se, onde cabem todas as promessas e conflitos, onde se escondem as possibilidades do porvir, é que imaginamos essa exposição. Um exercício em que se unem as forças de duas instituições que ocupam um mesmo território, com todas as suas contradições e disputas: um museu dedicado à história da cultura material e um instituto de arte contemporânea.

Em *O corpo invisível da memória*, os trinta artistas que passaram pelos programas de residência artística do IA – Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto entre os anos de 2021 e 2022, apresentam suas pesquisas e trabalhos, abrindo uma rede de diálogos com o acervo do Museu da Inconfidência.

Que tipo de interlocução artistas contemporâneos podem estabelecer com objetos e peças históricas? Que mistérios se revelam nessas fabulações? Quanta prosa pode emergir do encontro entre tempos? Como tornar visível o invisível da memória?

As obras contemporâneas que visitam temporariamente o acervo, entre os meses de agosto e outubro de 2023, abordam narrativas, comunidades e histórias que foram e ainda são, muitas vezes, silenciadas e invisibilizadas. Elas contam de fantasmas do passado e do progresso, de corpos negros, de corpos cansados, de corpos ficcionais, de corpos maternos, de mistérios da linguagem, de abismos do desconhecido, de manchas de memórias; de estruturas de poder; de confidências e segredos, de feitiços que atravessam as espirais do tempo.

A exposição, que ocupa todo o museu, é um convite para transitar entre o passado e o presente, reconhecendo os hiatos invisíveis que marcam a história e que se repetem ao longo dos séculos.

Em cada sala, os corpos – presentes e ausentes – se fazem frestas que convidam a imaginar outras narrativas, talvez agora mais possíveis do que antes.

COM A PARTICIPAÇÃO DE

ABINIEL JOÃO NASCIMENTO
ADRIANO MACHADO
ANA FÁTIMA CARVALHO
ANA PAIXÃO DE CARVALHO
BÁRBARA BIJA
BÁRBARA MOL
BEATRIZ TOLEDO
BELIZE DE MELO NEVES
BRUNO NOVAES
CHARLENE BICALHO
DOUGLAS APARECIDO
DUO PAISAGENS MÓVEIS
EFE GODOY
FELIPE REZENDE
JORGE LOPES
JOSI
LUCAS SOARES
LYGIA PEÇANHA
MASSUELEN CRISTINA
NITA MONTEIRO
PEDRO TON
SHIMA
SUTTANE HOFFMANN
SYLVIA VARTULI
TIAGO AGUIAR
WALLA CAPELOBO
WASHINGTON DA SELVA
XIKÃO XIKÃO
YANAKI HERRERA
YNÁ KABE RODRÍGUEZ

Fachada do Museu da Inconfidência

As janelas do Museu da Inconfidência projetam o que habita seu interior e convidam os públicos a darem início a uma viagem, atravessando suas salas em caminhos cheios de encontros possíveis.

Aqui, nessa jornada de diálogo entre o programa de residências IA e o acervo do Museu da Inconfidência, nossa caminhada começa pelo olhar de **Adriano Machado**.

O artista elabora seus trabalhos a partir das relações de confiança e do espaço familiar com seus rituais, recuperando memórias escondidas, revelando a fé, o amor, os silêncios, as dores e as resiliências.

Baratino é uma palavra da gíria baiana que significa engano, invenção, mentira. Nas imagens que se mostram nas janelas do museu, Adriano constrói o que costuma chamar de 'território afro-inventivo', onde o mistério é a chave de entrada para tentar compreender as tensões dos processos de humanização, em franco confronto entre ser humano e animal.

Os retratos evocam a estrutura necropolítica socialmente instalada nos tempos atuais, onde pessoas racializadas encontram-se sempre em um território de tensão e suspensão.

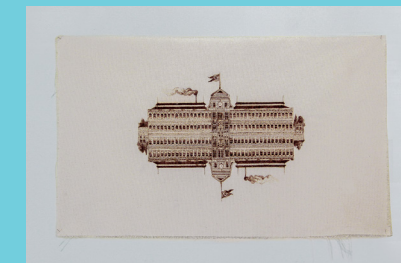
Adriano Machado

(1986, Feira de Santana - BA, vive em Alagoinhas e Feira de Santana - BA)
Baratino, 2023.

Instalação com seis fotografias na fachada do Museu da Inconfidência. [1]



1



2

Sala Origens

Quantos corpos não registrados marcam as origens de uma cidade? Serão aqueles que estão representados nos monumentos os que realmente ocuparam e transformaram os territórios?

Lucas Soares, com o *Projeto Mascarenhas*, nos conta sobre uma narrativa que se repete ao longo dos séculos: uma história fundamentada na opressão e em um conjunto de forças e tensões que marcam o racismo estrutural e os processos violentos nas relações de trabalho.

A obra teve origem no interesse do artista por um monumento em homenagem ao escravocrata Bernardo Mascarenhas, localizado em Juiz de Fora (MG). A estátua mostra o busto de Mascarenhas elevado sobre um pilar, onde se apoiam um homem escravizado e uma mulher. Chamou a atenção de Lucas Soares o fato de que a poucos metros da obra está um edifício que foi fundado pelo mesmo Mascarenhas, no ano da aprovação da Lei Áurea (1888). O prédio foi uma fábrica têxtil, responsável por empregar precariamente centenas de mulheres.

Criando uma rede de relações entre essas informações e alguns traços de sua história pessoal, Lucas fez em sua obra um exercício de espelhamento entre tempos, propondo um diálogo entre as memórias afro-diaspóricas e as identidades homenageadas, forjadas por uma repetição das imagens que vemos nos espaços públicos.

Na obra de Lucas Soares instalada no museu, o edifício da Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas é evocado na imagem dos navios tumbeiros que atravessaram as águas do Atlântico na diáspora africana. Para o artista, essa imagem paira sobre os pés-embarcações de escravizados e trabalhadoras operárias que seguem trabalhando subordinados às terras e máquinas de outrém, traçando rotas de saída possíveis, há séculos.

Lucas Soares

(1996, Miracema - RJ, vive em Juiz de Fora - MG)
Série Cartografias: Projeto Mascarenhas (ou o quanto as palavras salivam as solas), 2022-2023. Pirografia em tecido lonita, moldes de sapato de madeira, bambu, vergalhão, algodão e fragmentos do Pilar do monumento a Bernardo Mascarenhas. [2]



3

Sala Construção Civil

Os elementos das construções civis nos remetem ao trabalho duro e braçal dos corpos que manipulam seus instrumentos e materiais na construção das cidades em territórios em constante transformação. Por trás da labor, para além da rudeza das ferramentas, é possível encontrar a poesia.

O artista **Felipe Rezende** busca em suas pinturas evidenciar os espaços ociosos do operário que descansa a força do corpo à sombra e encontra no sonho uma brecha para sair da rotina. Que fantasmas se assomam ao meio dia e invadem o descanso daqueles que edificam as cidades? Quantos sonhos eles também constroem? Nas obras da série *Tempestade, bonança, tempestade*, o corpo que procura um refúgio do sol para escorar seu cansaço é também aquele que apanha fruta no pé para saborear a pausa da jornada.

De outra poética trata a artista **Efe Godoy**: a partir de um encontro com fragmentos de azulejo perdidos no terreno baldio de uma casa em demolição, Efe escuta o material que pede mais tempo de existência e neles percebe formas semelhantes às partes dos corpos de insetos em cada um dos contornos azuis impressos nos cacos irregulares. Neles, a artista pinta, com o mesmo tom de azul, novos corpos para eles: cria patas e garras e bocas de bichos que comem as casas por dentro. Traz à luz bichos feitos de casa, feitos de memória, feitos de histórias híbridas.

Em suas obras, Efe constrói um repertório do estranhamento que rompe com o olhar homogeneizador condicionado e nos ensina que existem, na transversalidade de corpos e na suspensão de fronteiras, outras possibilidades de compreensão do mundo.

Felipe Rezende

(1994, Salvador - BA)
Pinturas da série *Tempestade, bonança, tempestade*, 2022.
Óleo sobre lona locomotiva.
Bóia e cajueiro (e o barão nos galhos).
Dimensões: 139,5 x 94,5 cm
Espíritos ao meio dia. Dimensões: 85 x 140 cm
Cozinhando o galo. Dimensões: 67 x 90 cm [3]

Efe Godoy

(1988, Sete Lagoas - MG, vive em Belo Horizonte - MG)
Bicho que come casa, 2023.
Impressão sobre 11 azulejos de 15 x 15 cm, criados a partir de pinturas em aquarela. [4]



4

Sala Transportes

Caminhar, viajar, navegar, peregrinar, vagar, andejar. A sala dedicada aos transportes nos remete aos movimentos, aos deslocamentos, às estradas, às migrações e ao exercício de flunar, conhecer o trajeto e perder-se no caminho.

Na prática de **Ana Paixão de Carvalho**, esse caminhar atravessa gerações, transpõe águas, troncos, frutas na boca, sonhos, lembranças e uma carta ao filho.

Nesse embalo, desenha e costura um território próprio, buscando o encanto das lembranças e da projeção de uma memória que não sabemos se está ancorada no passado ou lançada ao futuro.

Em *Principia*, **Bárbara Bija** se orienta pelas estrelas, tentando prever o fluxo geral dos acontecimentos. Como os navegantes que costumam usar diários de bordo para reunir suas anotações técnicas durante as viagens, a artista guarda fragmentos de sua pesquisa e modos de criar.

Assim, o mural se faz uma 'carta de navegação' da artista, como um exercício de quem trabalha olhando para o processo e não para o porto de chegada. Nele, a artista coleciona o que pode ser chamado de 'poéticas do encontro': ativações em forma de teia, registradas graficamente em um mapa de seu percurso artístico.

Ana Paixão de Carvalho

(1977, Belo Horizonte - MG, vive na área rural de Paudalho, na Zona da Mata Pernambucana) *Mãe d'Água*, 2023. Instalação sonora com vestido, caderno e caixa de som. Dimensões variadas. [5]

Bárbara Bija

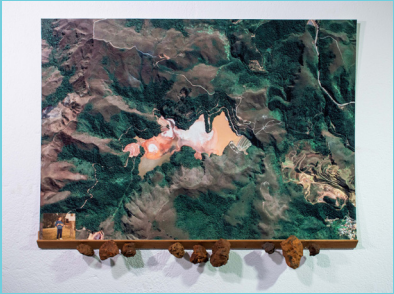
(1988, Ubá - MG, vive em um povoado entre Ouro Preto e Ouro Branco - MG) *Principia*, 2022. Colagem com fotografias, anotações e materiais variados. [6]



5



6



7



8



9

peregrinação pelas entranhas de Ouro Preto (MG), em uma viagem por labirintos de minas desativadas, por passados soterrados e conhecimentos não mencionados pela história colonial.

Nas edificações da cidade, tudo é brilho, esplendor e opulência. Nas minas, entretanto, o relato é outro: uma riqueza que não fala de luxo, mas de uma herança de poder ancestral: a engenharia de mineração africana, uma tecnologia trazida por mãos negras na diáspora, devorada pelo colonialismo e apagada pelos discursos hegemônicos.

Douglas faz pigmentos utilizando os minérios encontrados em suas expedições. Assim, suas pinturas também se tornam parte das minas, carregadas de uma memória e de uma força deixada por seus antepassados. O artista reconhece o passado, estanca a ferida e abre caminhos para pensar um outro futuro possível. Em suas pinturas, o futuro é negro-barroco, é afro-futuro.

Bárbara Mol

(1986, Sete Lagoas - MG, vive em Ouro Preto - MG) *Zênite Barroco*, 2021. Fotografia via satélite com 70 × 100 cm impressa em papel, sobre fotografia impressa em placa de pvc sobre estante de madeira de pinho e 9 pedras bauxita. 100 × 55 × 3,5 cm [7]

Beatriz Toledo

(1979, São Paulo) *Cujalma*, 2019. Vídeo em looping, duração de 1'50". *Sete*, 2019. Vídeo em looping, duração de 7'33". [8]

Douglas Aparecido

(1982, Ouro Preto - MG) *Sem título*, da *Série Barroco Afrofuturista*, 2021. Pintura em nanquim e têmpera de ovo com pigmentos minerais extraídos de galerias subterrâneas, de minas desativadas da antiga Vila Rica de Ouro Preto (MG). [9]

Sala Inconfidência

No coração do museu, a Sala da Inconfidência, repleta de documentos e símbolos da revolta, acolhe o *Museu das Confidências*, uma ação participativa de **Lygia Peçanha** realizada em colaboração com a comunidade de Antônio Pereira e os públicos da exposição. Lygia, em sua prática, instaura processos coletivos em que se recobram sentidos aos mistérios invisíveis das relações. O projeto lhe permite elaborar coletivamente um espaço para preservar e lembrar dos segredos que povoam silenciosamente os territórios. As confidências que trocamos entre amigas, as fofocas e as intimidades compartilhadas nas relações sociais.

A obra permeia o acervo da Conjuração Mineira, trazendo elaborações ficcionais sobre confidências na vida íntima e pública, que são expressas por meio de textos e contribuições visuais.

Junto às traves que evocam o enforcamento de Tiradentes, **Pedro Ton** nos oferece uma paisagem sensível de renovação.

Em suas pinturas, o artista revela significados simbólicos sobre corpos em transformação imersos em uma atmosfera onírica e mística. Olhando para dentro de si, cria imagens-oráculos como modos de proteção e cuidado, como forma ritualística de transmutar emoções.

Lygia Peçanha

(1992, São João del Rei - MG, vive em Belo Horizonte e São Luís do Maranhão - MA) *Museu das Confidências*, 2023. Intervenção criada pela artista, a partir da realização de encontros e conversas com mulheres no distrito de Antônio Pereira (MG), em agosto de 2023. [10]

Pedro Ton

(1989, Varginha - MG, vive em Belo Horizonte - MG) *Eu a casa*, 2023. Díptico, acrílica sobre tela, 50 × 40 cm e 60 × 50 cm *Árvore metagenealógica*, 2023. Acrílica sobre tela, 50 × 70 cm [11]



10



11



12



13

Sala Vida Social

Quais são os objetos que desenham a nossa memória? De quantas histórias esses artefatos estão feitos? Se nas vitrines e paredes dessa sala vemos as peças que adornavam e desempenhavam um papel nos séculos XVIII e XIX, os desenhos de **Bruno Novaes** contemplam um imaginário objetual infantil dos anos 1980 e 1990.

O artista olha para a infância com matizes que transitam entre a ternura e a violência. Ao olhar para esse passado romantizado da infância, Bruno também se embrenha nas sombras e se questiona sobre seu ofício de professor, querendo entender se com o tempo havia ou não esquecido de como brincar. Imaginando que as práticas de adulto estavam iluminadas pela criança, o artista faz um exercício de observar os objetos que se confundem entre trabalho e brincadeira.

Cada conjunto de objetos aquarelados, colocados em relação, carregam uma narrativa e navegam entre tempos. São registros congelados que poderiam ter saído de um álbum de fotografias, guardado no fundo de um armário qualquer, ou que poderiam ilustrar uma cartilha de uma possível escola de faz-de-conta.

Bruno Novaes

(1985, São Bernardo do Campo - SP, vive em São Paulo - SP) Pinturas da série *Pequenos Legados*, 2019. 11 aquarelas, com dimensões variadas. [12]

Escadarias

As escadarias que conduzem ao primeiro andar do museu são como um momento de pausa, um respiro para poder voltar a começar o percurso, promovendo a passagem das narrativas históricas do território enfatizadas no piso térreo, para as histórias contadas a partir dos saberes presentes nos objetos da cultura material, que atravessam as salas do primeiro piso.

Aqui nos encontramos com a obra de **Belize de Melo Neves**, uma rede, uma ode à gestação do descanso. Belize tem mãos de artesã. Seu corpo se funde com material que trabalha, pele e linhas, carne e trançado.

A artesã que mora na artista conhece profundamente seus fios, cordas, cordões e barbantes. Em sua prática, Belize veste o território e cria territórios para vestir ou repousar o corpo. Ela conhece os pontos e os nós, sabe escutar o que pede o material e tece perdendo o controle do movimento, deixando que suas mãos sejam livres e que seu corpo desenhe o instante seguinte. Combinando nós, convida outros corpos para balançar nessa teia.

Em outra perspectiva de suspensão de tempo, a obra de **Walla Capelobo** remete ao primeiro vulcão visto pela artista. O vídeo mostra Walla, que ao subir ao vulcão Teuhtli em Milpa Alta, México, esqueceu da existência do tempo e observou o lugar sagrado onde a terra nasceu.

Esse trabalho surgiu da necessidade da artista em continuar a produção da terra e agradecer aos seres invisíveis que fornecem o solo a tudo o que é vivo. A terra e o fogo presentes na prática de Walla Capelobo são seu próprio corpo e espírito, escuta e resposta.

As peças de cerâmica que foram produzidas durante três meses, na Cidade do México, agora descansam na terra e nas águas de Xochimilco. Da terra à terra.

Belize de Melo Neves

(1987, Uberlândia - MG, vive em Ouro Preto - MG)
Rede pra recolhida, 2022.
Tear manual e macramê, 70 x110 cm [14]

Walla Capelobo

(1992, Congonhas - MG, vive no Rio de Janeiro - RJ)
Cuando miré sus ojos me olvidé del tiempo, 2022.
Vídeo Performance realizada no México, duração de 2"20 (em *looping*). [15]



14



15



16



17



18

Arte e Religião

Que corpos são esses que vivenciam os rituais: religiosos, sociais, artísticos? Independente de qual seja o ritual, estão sempre repletos de imagens e objetos que representam as crenças, os desejos, as vias de acesso aos cultos.

Washington da Selva constrói sua obra a partir dos rituais da terra, observando as mãos que cultivam as sementes e exercitando a escuta ancestral dos conhecimentos do plantio. Esse mesmo corpo que conhece o cultivo é também o que recebe o pesticida, que com sua veste de proteção isola o corpo da terra. Em *A Coroação* o artista revela essas camadas de proteção, entre o material e o simbólico, entre o objeto e as imagens que ele carrega.

O bordado fortalece o tecido que recebe a linha em cenas de trabalhadores em situação de perigo, porque vivos estão sempre por um fio. As linhas que conectam, amarram e atravessam, estampam plantas que curam e preservam seus trabalhadores sempre em risco.

De outros rituais está atravessado o corpo de **Yanaki Herrera**, ao tornar sua produção um território de investigações profundas sobre o feminino, a maternidade, suas forças e abismos. Em suas obras, Yanaki atualiza heranças de seus antepassados e da história da arte.

Construindo caminhos e altares próprios, a artista se coloca no mundo com obras que são casa e corpo, caminho feito de maternidades e sexualidades possíveis que coexistem no sagrado e no profano.

Washington da Selva

(1991, Carmo do Paranaíba - MG, vive em Salvador - BA)
A Coroação, 2020.
Bordado em conjunto EPI de aplicação de agrotóxicos (touca árabe, camisa e calça), 190 × 44 × 35 cm [17]

Yanaki Herrera

(1995, Cusco - Peru, vive em Belo Horizonte - MG)
Santa Madre de Wawawasi, 2022.
Videoperformance, duração 13" (em *looping*)
Lar, 2020.
Acrílica sobre papel [18]

Sala Triunfo Eucarístico

A prática de **Suttane Hoffmann** é, antes de tudo, a criação de laços afetivos. A artista transforma o ato de fotografar em um ritual de construção de relações e de sua própria identidade.

Em suas cianotipias a artista transita na alternância entre o olhar para o outro e para si mesma, entrelaçando comunidades, pessoas, memórias pessoais e o próprio corpo.

Os estandartes são como bandeiras dessas relações entre o familiar e o comunitário, deixando que a presença dos corpos negros nas festas populares sejam atravessadas pelas plantas do seu quintal.

Suttane Hoffmann

(1992, Muriaé - MG, vive em Ouro Preto - MG)
Série *A fé que canta e dança*, 2023.
Cianotipia sobre papel, dimensões variadas. [19]

Sala Associações Leigas

A força dos coletivos é um dos pilares das conquistas de direitos ao longo da história, é através das estratégias de cuidado que se tem coletivamente que condições de vulnerabilidade ou situações de risco ganham espaço nos debates públicos.

Yná Kabe Rodríguez movimenta relações e questiona estruturas institucionais como estratégia de sobrevivência, em sua pesquisa o prazer e o enfrentamento são táticas para manutenção da vida. Seu trabalho é uma partilha de experiências que convida à reflexão sobre como nós, vivos, podemos e precisamos nos adaptar e lutar para seguir existindo.

Investigando o funcionamento invisível de ferramentas de captura, a necessidade de cuidado se encontra na prática individual e coletiva dentro de seus emaranhados das demandas afetivas, de recursos e da possibilidade de instaurar uma gama mais ampla de expressões das subjetividades.

De uma coletividade ancestral e invisível também fala **Abiniel Nascimento**, a voz de seus antepassados impregnam seu trabalho, com eles aprende territorialidade, corporeidade, espiritualidade. Em batalhas para esquecer a língua, reaprende o que é poder falar e instaura outros tempos e presenças na relação estabelecida com a água. Essa língua d'água é quem guia a performance *Eu, o fantasma que vos fala*. Os fantasmas da voz trazem em corpo e texto uma relação entre a existência e a extinção de povos indígenas e como fabulação das relações entre presença e ausência podem ser mediadas pelas imagens.

Yná Kabe Rodrigues

(1992, Brasília - DF)
Série *Informative Onça*, 2019.
Vídeo e cartaz, dimensões variáveis [20]

Abiniel João Nascimento

(1996, Carpina - PE, vive em Olinda - PE)
Eu, o fantasma que vos fala, 2023.
Instalação a partir da performance realizada dia 13 de agosto de 2023 no local, áudio com duração de 40", texto, cadeira, microfone e caixa de som. [21]

Sala Oratórios

Assim como os oratórios servem como um portal de conexão com outros universos através das imagens que abrigam e permitem esse lugar íntimo de ritual e de cerimônia, alguns artistas também estabelecem com suas obras uma comunicação entre o terrenal e o além-mundo.

Nita Monteiro trabalha a partir da experiência da própria força física, da potência do corpo na gestação e de uma arqueologia do cotidiano. Ela é e vive a casa. Em seus bordados constrói uma narrativa fabulada a partir de histórias da família.

Ao mergulhar na memória, Nita encontra o corpo da mulher-mãe como oratório de si mesma e revela, entre fios e prosas, a história de tantas outras mulheres.

Sempre pedindo licença para chegar, **Tiago Aguiar** se coloca em disponibilidade e a serviço de quem encontrou na palavra morte um portal para enfrentar os fantasmas da (in)finitude. Ele estabelece seu ritual de criação com gestos de respeito, reverência e cuidado, na relação com o que está na terra e o que é invisível.

É na presença de mestres de comunidades e seus saberes ancestrais ou ainda na observação atenta dos encontros e trocas que podem ocorrer entre mundos que Tiago encontra na estrada, algo que é ao mesmo tempo passagem, caminho e umbral.

Nita Monteiro

(1990, Rio de Janeiro - RJ, vive em São Paulo - SP)
Metamorfose, 2022-2023.
Tecidos variados, tapeçaria, bordados, pedras e miçangas. Dimensões: 234 × 65 cm [22]

Tiago Aguiar

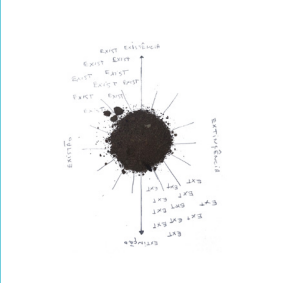
(1983, Serro - MG, vive em Belo Horizonte - MG)
Promessa pras Alma, Cruzeiro, 2022.
Vídeo digital em alta definição (1080p), com duração de 25:58'18". [23]



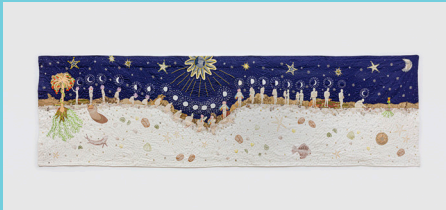
19



20



21



22



23

Sala Aleijadinho

Jorge Lopes é barroco em todo corpo. A sinuosidade de suas coreografias ondulam as paredes aprumadas das casas coloniais e nos faz, por momentos, acreditar que as paredes também dançam, junto com ele.

O corpo de Jorge brota no silêncio e espera a resposta do lugar para fazer do espaço seu habitáculo.

Essa escuta acontece entre a sua pele e a pele do mundo, entre a memória e a arquitetura, entre o que é visível e o que se esconde nas fendas.

Jorge Lopes

(1995, Araraquara - SP, vive em São Paulo - SP)
No escuro dos sentidos camuflados pela pele, eu danço os sinais das coisas que findam (ato I), 2022. Intervenção em peças do acervo do Museu da Inconfidência, com imagens de fotoperformance realizada nas obras de restauro de casas tombadas do projeto Bom Será, realizado pelo IA em 2022. Registros fotográficos de Suttanne Hoffmann. [24]

Sala Mobiliário I

Os objetos de uma casa carregam em seus contornos as lembranças dos personagens que ocuparam seus aposentos.

Sylvia Vartuli delicadamente recupera fragmentos de suas memórias esquecidas, investigando as percepções sobre o que é o cuidado e o descuido. Em suas fotografias e colagens, reúne camadas de fragmentos fotográficos do passado sobrepostos pela opacidade da encáustica, no desejo de que as coisas permaneçam.

O exercício de lembrar e esquecer não é suficiente para cuidar dessas memórias. É preciso fabular e reinventar as narrativas de sua própria história.

Entre o que sobra e o que falta nas camadas da memória, **Shima** sabe ficar com o que permanece. Sabe que no fim do fim, o corpo faz estratégia de sobrevivência e demora em ser. Em *Testemunho*, o artista faz uma arqueologia de si mesmo, dilata o passado retratando as camadas de tempo que se sobrepõem em seu corpo.

O gesto de segurar repetidas vezes o porta-retrato dá entidade ao objeto corriqueiro e familiar e o transforma em um personagem mais dessa travessia.

Sylvia Vartuli

(1967, Conselheiro Lafaiete - MG, vive em Ouro Preto - MG)
Acolhida I e II, 2023. Encáustica e colagens fotográficas híbridas, dimensões: 41 × 56 cm e 24 × 30 cm [25]

Shima

(1978, São Paulo - SP, vive em Carrancas e Belo Horizonte - MG)
Testemunho, 2006-2022. Impressão offset sobre papel, 90 × 120 cm [26]

Sala Mobiliário II

O que o mobiliário pode nos dizer sobre as relações domésticas e as histórias das famílias? Em cada casa, os móveis revelam suas estruturas familiares e em seus objetos se escondem conversas e coisas não ditas.

Ao recuperar as memórias das mulheres de sua família, **Josi** revela em seu quarador os ofícios invisíveis, as conversas fiadas, um olhar para os processos de manutenção doméstica da vida: fazer a comida, lavar a roupa, quorar os panos.

Os amarradinhos e os nós passam despercebidos, mas são eles que mantêm a estrutura firme anunciando um encontro entre as tensões e as resistências do dia-a-dia. Sua pesquisa nasce do desejo de aprender com o tempo de cada coisa e de trançar ficções entre realidades cotidianas.

Josi

(1983, Carbonita - MG, vive em Belo Horizonte - MG)
Da série: quara-dores, 2023. Pintura com água de feijão preto, terra e diquada sobre tecido costurado a quarador de madeira, 59 × 60 × 57 cm [27]

Entre as salas Mobiliário II e Ataíde

Em um respiro entre salas, **Charlene Bicalho** nos propõe mergulhar nas sutilezas das relações que determinam os fluxos das águas. *Margens de ti* foi gravado em Conceição do Mato Dentro (MG) e na boca do Rio Doce, em Regência Augusta (ES).

Os cabelos da amiga Tatiana Rosa são entregues às águas doces e chegam até o encontro do Rio Doce com o Oceano Atlântico. No percurso, outros cabelos são encontrados e entregues à boca do Rio Doce, no encontro das águas.

Entre realidade e ficção, o trabalho propõe uma discussão sobre questões ambientais e a importância de outras mulheres na formação identitária da artista.

Charlene Bicalho

(1982, João Monlevade - MG, vive entre São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo)
Margens de ti, 2014-2015. Vídeo instalação, alguidar (39 × 39 × 15cm.), vídeo digital (HD 16:9), duração: 7’26’’, som estéreo. [28]

Sala Manoel da Costa Athaíde

Duas mulheres artistas marcam o diálogo com a sala dedicada ao artista Manoel da Costa Athaíde, revelando corpos e presenças que seguem invisibilizadas nas narrativas de muitas instituições museais.

Ana Fátima de Carvalho entende seu ofício como extensão de sua pele. Suas peças imprimem o movimento do seu corpo inteiro. Mulheres, aves e flores se encontram e se misturam nas superfícies das madeiras prontas para encontrar papeis e tecidos nos gestos marcados de invenção da liberdade do feminino. Em cada personagem, vislumbramos fragmentos de desejos.

Sobre a mesa redonda estão matrizes de gravuras, com os veios, profundidades e a voracidade da artista. Em cada peça residem o avesso e o invisível das impressões em potência.

Em seus trabalhos, **Massuelen Cristina** revela sua ancestralidade e faz as imagens familiares escoarem para dentro de pinturas, vídeos, cartas e autorretratos, evidenciando o corpo negro como a voz que deve narrar a história silenciada pelo colonialismo. A artista trabalha com um corpo que transborda seus limites e é, ao mesmo tempo, íntimo e coletivo.

Piedade Divina faz parte de uma série de performances que têm como ponto de partida as manifestações religiosas de matrizes africanas. Massuelen reivindica a necessidade de visibilizar tradições e rituais na arte, tentando garantir que não desapareçam.

Ana Fátima Carvalho

(1961, Ouro Preto - MG)
Maria, você tem fome de quê?, 2023. Instalação com matrizes de xilogravuras realizadas entre os anos de 2020 e 2021. [29]

Massuelen Cristina

(1992, Sabará - MG)
Piedade Divina, 2021. Vídeo Performance em looping, dimensões: 1080p (HD): 1920 × 1080. [30]



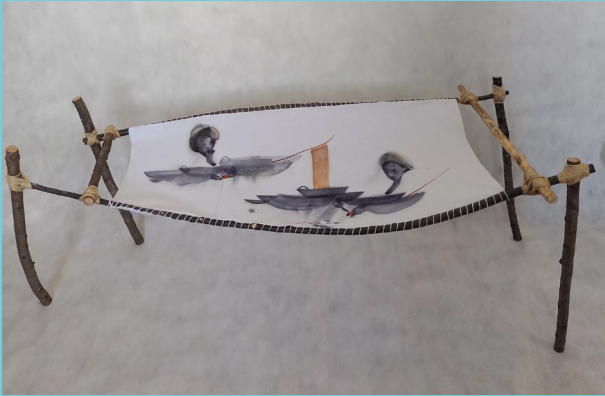
24



25



26



27



28



29



30

Exposição
O corpo invisível da memória
Artistas participantes

Abiniel João Nascimento

(1996, Carpina - PE, vive em Olinda - PE)
Artista visual, bacharel em museologia (UFPE), educador-pesquisador e fundador da Ka'a Iúru - Escola da Memória. É membro do Coletivo de Arte Negra e Indígena (CARNI) e produtor cultural no coletivo de produção cultural indígena Alfazema Braba. Seus interesses flutuam pelo que habita nas confluências entre corporeidade, territorialidade e espiritualidade, de modo perpendicular à manufatura do arquivo, da memória e do imaginário.

Abiniel João Nascimento participou da residência artística do IA no programa TEMPO em 2022.

Adriano Machado

(1986, Feira de Santana - BA, vive em Alagoinhas e Feira de Santana - BA)
Artista Visual, possui mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia e desenvolve projetos artísticos em fotografia, vídeo e objetos que discutem questões sobre identidade, território, ficção e memória, investigando processos de políticas de vida. Suas obras apontam para a condição humana entre os espaços de convivência e os territórios afroinventivos.

Participou de exposições como o 31º Programa de Exposições CCSP (2021); Valongo Festival Internacional da Imagem (Santos/SP, 2019) entre outras. Indicado ao Prêmio PIPA 2021. Recebeu o Prêmio-aquisição no Circuito de Arte Latino-Americano (2022); o prêmio principal nos Salões de Artes Visuais da Bahia em 2013 e menções especiais em 2011 e 2014; e o Prêmio Funarte de Residências Artísticas 2019. Também realizou residências artísticas na Pivô (São Paulo, 2020); Fluxos: Acervos do Atlântico Sul (Salvador, 2019); e VerdeVEZ, no Campo Arte Contemporânea (Teresina, 2019). Artista selecionado junto ao Coletivo Intervalo (BA), para a Bienal de Dakar 2022 (Senegal) e para o Latitude Artist Residence 2022 (Chicago, EUA).

Adriano Machado participou da residência artística do IA no programa EXTINÇÃO em 2022.

Ana Fátima Carvalho

(1961, Ouro Preto - MG)
Artista plástica com formação na área de desenho, pintura e gravura pela Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade da Fundação de Arte de Ouro Preto/FAOP. Atua como professora de Artes Plásticas, arte/educadora, produtora cultural e curadora na montagem de exposições e organização de eventos. Desenvolve o seu trabalho artístico na área de Gravura com foco na Xilogravura. Já realizou mais de 10 exposições individuais e participou várias exposições coletivas. Premiada no São de Gravura do SESI Rio de Janeiro, no Concurso Natal Nota Dez da FAOP, no Concurso de Tapetes Devocionais da Associação Comercial de Ouro Preto. Desde 2009, atua como professora e monitora em

oficinas de eventos culturais. No período de 2013 a 2017, compôs a equipe do CASP-AD onde desenvolveu um trabalho de arte, artesanato e reciclagem nas oficinas terapêuticas. Compõe o corpo docente da Escola de Arte da FAOP, onde leciona desde de 2009. Participou da Residência Artística promovida pelo Instituto de Arte de Ouro Preto IA Ouro Preto – Edição 2022.

Ana Fátima Carvalho participou da residência artística do IA no programa OFÍCIO em 2022.

Ana Paixão de Carvalho

(1977, Belo Horizonte - MG, vive na área rural de Paudalho, na Zona da Mata Pernambucana)
Ana Paixão de Carvalho é artista, cineasta, técnica em agroecologia e educadora popular. Há mais de 20 anos, trabalha junto a povos indígenas e comunidades tradicionais de todo o Brasil desenvolvendo pesquisa e criação artística compartilhada no campo das artes visuais e do cinema. Seu trabalho investiga as relações entre memória, território, comunidades de cura e a convivência entre os seres humanos e mais que humanos. Mãe de dois filhos, dedica-se também à criação de uma poética do espaço doméstico de cuidado e regeneração, atravessada pela escrita, vídeos amadores, fotografia, intervenção, plantio e outras linguagens. Vive e trabalha na área rural de Paudalho, Zona da Mata Norte Pernambucana.

Ana Paixão de Carvalho participou da residência artística do IA no programa CUIDADO em 2022.

Bárbara Bija

(1988, Ubá - MG, vive em um povoado entre Ouro Preto e Ouro Branco - MG)
Bárbara Bija é artista visual e mestra em Artes pela EBA/UFMG, autora dos livros *Ela vai nascer livre* (Urutau, 2020) e *Itatiaia*, Geraes (2021). Vive em um pequeno povoado entre as serras de Ouro Preto e Ouro Branco, onde desenvolve um trabalho de recuperação e legitimação de saberes ancestrais. Também é educadora e coordenadora da ONG Corpo Cidadão em Ouro Branco. Acredita na arte do encontro como potência catalisadora de profundas transformações e mobilização dos afetos. Bárbara Bija participou da residência artística do IA no programa OFÍCIO em 2022.

Bárbara Mol

(1986, Sete Lagoas - MG, vive em Ouro Preto - MG)
Artista visual, poeta e pesquisadora><educadora. Desenha desde que anda. Construiu uma trajetória acadêmica graças à UFMG, da graduação em Artes Visuais ao pós-doutorado em Comunicação Social, entre pesquisas sobre artistas, arte contemporânea e a imagem em relação as experiências sensível, crítica, sociológica, simbólica e filosófica que a prática artística propulsiona. Educadora na Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP). Se interessa pelo vínculo

estético e ético do patrimônio biológico-mineral-barroco ouropretano de outros rumores literários. Bárbara Mol participou da residência artística do IA em 2021.

Beatriz Toledo

(1979, São Paulo)
Beatriz Toledo se considera artista visual e propositora de projetos independentes. Desenvolve há três anos o FACA, projeto em que é cabeleireira e propõe leituras políticas. Em colaboração com outras pessoas, criou os espaços independentes La Maudite, em Paris, que funcionou de 2013 a 2017, e Tormenta em Medellín, inaugurado em 2020. Segundo ela: “Nesses espaços comecei a compreender minha prática como algo mais expandido, para além do ‘trabalho artístico’, visto que encaro a própria existência desses espaços e das propostas neles realizadas como parte de uma ideia mais ampla de ‘meu trabalho’”.

Beatriz Toledo participou da residência artística do IA no programa OFÍCIO em 2022.

Belize de Melo Neves

(1987, Uberlândia - MG, vive em Ouro Preto - MG)
Artista visual. tecelã experimental. pesquisadora do corpo - e das ideiais - mineira de nascimento e trajetória, aluna do curso de pós-graduação em artes cênicas (ppgac-ifac-ufop-br) mestre em gestão cultural (esad-ipl-pt) bacharel em filosofia (ifac-ufop-br). viver para aterrar. achar caminhos para trazer ao solo aquilo que cochicham os ventos. no samba das práticas formular verdades visíveis. através de uma pesquisa com técnicas de trançados, pintura, modelagem e outra mais; pelo arranjo de possibilidades e acasos, iniciar um diálogo. atravessar com o invisível e em mãos descobrir a mensagem. na magia, alimento. na possibilidade de configurações infinitas, artista. meu nome é belize, prazer, abraço.

Belize de Melo Neves participou da residência artística do IA em 2021.

Bruno Novaes

(1985, São Bernardo do Campo - SP, vive em São Paulo - SP)
Bruno Novaes tem licenciatura em Arte pela Faculdade Belas Artes de São Paulo e especialização em Artes Visuais pela UNESP. Em sua prática, olha para identidades, memórias e afetos das margens, misturando o que é público e o que é íntimo em contra-narrativas que borram ficção e realidade. Seu trabalho acontece, sobretudo, por meio da palavra e do desenho, como instalação, publicação e processos de encontro.

Seus principais trabalhos incluem O professor deverá ser o último a se retirar, mesmo nos dias de chuva (Temporada de Projetos do Paço das Artes); Intervalo (Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo); Alugo para rapazes (prêmio-publicação Lamparina

Luminosa); escola de faz-de-conta (ProAC LAB). Participou da 33ª Bienal de Arte de São Paulo, como artista residente na obra de Mark Dion, da 21ª Bienal Internacional de Arte de Cerveira, da residência internacional ACHO e do programa de residência AZERO, da editora Medusa. Integra o grupo Práticas Compartidas e tem trabalhos publicados em livros e revistas do país e exterior. Além de diversos prêmios-aquisição em salões de arte, suas obras compõem também acervos públicos, como o do Museu da Diversidade Sexual de São Paulo, do Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR) e da Biblioteca do Instituto Moreira Salles.

Bruno Novaes participou da residência artística do IA no programa TEMPO em 2022.

Charlene Bicalho

(1982, João Monlevade - MG, vive entre São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo)
Charlene Bicalho é artista visual, curadora de articulações e pesquisadora, cujo trabalho processual explora relações de poder, presenças afro-diaspóricas e memórias. Participou de exposições, residências e realizou atividades formativas em diversos espaços dos quais destaca: Fotofest Texas (Estados Unidos), Mendes Wood Bruxelas (Bélgica), MAC - Museu de Arte Contemporânea de Lima (Peru), Museu de História de Nantes (França), Espaço Cultural Fort Grifoon (França), Pinacoteca (SP), CCSP - Centro Cultural São Paulo (SP). Possui obras no acervo do VídeoBrasil, Pinacoteca de São Paulo, Instituto Campo Garzón (Peru) e Galeria Espaço Universitário (ES). Foi uma das artistas indicadas ao Prêmio Pipa 2021, atualmente ministra cursos e oficinas, participa de comissões de seleção, e orienta artistas na Mentoria [DES]manches.

Charlene Bicalho participou da residência artística do IA no programa TEMPO em 2022.

Douglas Aparecido

(1982, Ouro Preto - MG)
Douglas Aparecido (Douguinissimo) Artista-etc, Ativista Kultural, Bacharelado em filosofia pela UFOP na linha de pesquisa pensamento crítico pós-colonial. Nascido e criado no bairro do Padre Faria, em Ouro Preto, Douglas é conhecido como Douguiníssimo - co-criador do conceito OuTro Preto e do Conectivo Palma Preta, ambos se configuram como dispositivos que tem como propósito estabelecer um prisma de reflexão sobre a história do trabalho, a história não contada da Vila Rica de Ouro Preto, com foco nas tecnologias e ciências africanas no processo de mineração do ouro e desenvolvimento urbano da famosa vila. Seu interesse pelo tema o levou a buscar um diálogo com o afrofuturismo, tendo o barroco mineiro, permeado por simbolismos de matriz africana, como linguagem artística mediadora. A imersão no universo de volutas, vira o fio que se desdobra em traços que preenchidos pelo ocre dão formas ao disforme.

Douglas Aparecido participou da residência artística do IA em 2021.

Duo Paisagens Móveis

Bárbara Lissa (1991, Montes Claros - MG, vive em Moeda - MG); Maria Vaz (1990, Belo Horizonte - MG, vive em Belo Horizonte - MG)
Bárbara Lissa e Maria Vaz trabalham em dupla desde 2017, com o duo PAISAGENS MÓVEIS. Ambas possuem mestrado em Artes pela UFMG e trajetória nas Letras (UFMG) e nas Artes Visuais (Guignard/UEMG). Tratam da relação entre a memória e esquecimento, a partir das ficções poéticas, dentro do universo pessoal e coletivo, tendo grande parte de seus trabalhos tratando de questões ambientais. Desenvolvem seus projetos por meio da fotografia, através de experimentações entre imagem e palavra, analógico e digital e apropriação de imagens de arquivo. Em 2022 realizaram a mostra individual “Quando o tempo dura uma tonelada”, parte do ciclo de mostras BDMG Cultural. Com o mesmo trabalho participaram da exposição coletiva “Cosmopolíticas” (com itinerância em Tiradentes - Festival Foto em Pauta; Belo Horizonte - Fundação Clóvis Salgado; Festival SOLAR - Fortaleza; FotoRio - Rio de Janeiro) e “Terrarium” - Fest Foto, em Porto Alegre. São membras das plataformas Mulheres Luz e Women Photograph. Em 2021 publicaram o fotolivro “Três Momentos de um Rio”, com apoio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte e, no mesmo ano, foram selecionadas pelo Prêmio Pierre Verger, em Salvador.

Duo Paisagens Móveis participou da residência artística do IA no programa EXTINÇÃO em 2022

Efe Godoy

(1988, Sete Lagoas - MG, vive em Belo Horizonte - MG)
Artista visual miope, poeta, transvestigenera, ELA/dela, pesquisa hibridismo em suas variadas linguagens (vídeo, desenho, performance) com ênfase em recortes de memórias da infância e fabulações espontâneas. Efe Godoy, natural da cidade de Sete Lagoas/MG, hoje vive e trabalha em Belo Horizonte. Passeou pela Escola Guignard UEMG e continua formação através de vivências em residências no Brasil e exterior. Algumas dessas vivências transformadoras se deram nos últimos anos, como Bolsa Pampulha 2015/2016, a residência artística no EAC-Montevideo_UY em 2018, residência Adelina _SP, 2018, e recentemente : HEMIENCUENTRO _ INSTITUTO HEMISPHERIC NY UNIVERSITY na Cidade do México, 2019, mostra VERBO de performance Arte na Galeria Vermelho - SP, Prêmio Sarp - museu de ribeirão preto - SP, 2020. Indicada ao PRÊMIO PIPA 2022. Acabou de voltar da residência artística RÚIDO BLANCO na Argentina, 2022. De uma maneira simples tenta interferir na vida das pessoas com a reverberação da palavra afeto. Efe interage nas redes sociais estreitando os espaços íntimos entre vida e arte: @efegodoy.

Efe Godoy participou da residência artística do IA em 2021.

Felipe Rezende (1994, Salvador - BA) Formado em Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia, trabalha sobretudo com desenho, pintura e suas possibilidades expansivas, traçando um encontro com o cotidiano e os elementos nele contidos. Sua pesquisa se debruça sobre o universo do trabalho braçal através de relações com seus agentes, histórias, ferramentas e lugares. A partir de vivências, deambulações e das materialidades provenientes desses contatos, articula elementos extrínsecos para a construção de arranjos que habitam os interstícios entre onirismo e testemunho, ficção e realidade. Felipe Rezende participou da residência artística do IA no programa OFÍCIO em 2022.

Jorge Lopes (1995, Araraquara - SP, vive em São Paulo - SP) Jorge Lopes cultiva sua poética a partir de uma perspectiva interseccional que mobiliza raça, orientação sexual e gênero, focado num trabalho de investigação e pesquisa em dança-performance e criando um diálogo entre a relação do corpo e os vestígios encontrados na paisagem. Atualmente, é bacharelando em Museologia pela Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP, membro da Rede Museologia Kilombola e do Grupo de Pesquisa sobre Linguagem, Culturas e Identities/UFOP, em que pesquisa sobre Corpo, Memória e Imagem, com foco nos estudos culturais, nas relações étnico-raciais e na performance e arte negra na América Latina. Jorge Lopes participou da residência artística do IA no programa EXTINÇÃO em 2022.

Josi (1983, Carbonita - MG, vive em Belo Horizonte - MG) Graduada em Letras pela UFMG, atualmente cursa o bacharelado em Artes Plásticas na Escola Guignard (UEMG). Suas pesquisas visuais partem de um quarar de saberes que vão se acumulando nas mãos no dedilhar da vida, com trânsito pelo lavar, o desenho, a cozinha, a cerâmica, o tecer, a pintura, o fiar, a animação... Em 2020, junto ao grupo de contação de histórias Movência, participou de uma produção audiovisual contemplada pelo Prêmio Funarte RespirArte. Em 2021, vivenciou o POPAV (Programa de Orientação de Projetos em Artes Visuais), com orientação de Clarissa Diniz e Gustavo Torrezan, promovido pelo Sesc-SP, em formato digital. Atualmente, experimenta as primeiras participações em exposições coletivas: “Abre Alas 17”, com curadoria de Pollyana Quintella, Deri Andrade e Maxwell Alexandre, na Galeria Gentil Carioca, e “Algumas Histórias sobre nós”, com curadoria de Marcus Lontra e Rafael Peixoto, na Galeria Danielian, RJ. Josi participou da residência artística do IA no programa OFÍCIO em 2022.

Lygia Peçanha (1992, São João del Rei – MG, vive em Belo Horizonte e São Luís do Maranhão - MA) Formou-se em Artes Visuais pela UFMG (2015) e atualmente cursa o Mestrado em Cultura e Sociedade pela UFMA. Coordena as atividades do coletivo #Joyces, que atua nas interseções entre arte, intervenção pública e design. Realizou a exposição individual “Eu fiz de Coração” (Estúdio Guaco, BH/MG-2018), promoveu a aula-performance “O museu como lugar de paquera e pegação?”, (Pinacoteca, São Paulo/SP-2019), e a “Boca Voa: Laboratório de Práticas Artísticas Colaborativas” junto ao coletivo #Joyces e JA.CA - Centro de Arte & Tecnologia (Nova Lima/MG-2021). Seus trabalhos transitam entre as linguagens da performance, da literatura e da pedagogia. Lygia Peçanha participou da residência artística do IA no programa CUIDADO em 2022.

Lucas Soares (1996, Miracema - RJ, vive em Juiz de Fora - MG) Artista Visual, Ilustrador, Pesquisador e Designer, se graduou no bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design e no bacharelado em Artes Visuais, ambos pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pensa, pesquisa e faz imagens para mover alguma coisa, qualquer coisa, de lugar. No momento, faz mestrado em Artes, Cultura e Linguagens, na UFJF, com pesquisa paralela à produção artística desenvolvida na linha de pesquisa Estudos Interartes e Música. Lucas Soares participou da residência artística do IA em 2021.

Massuelen Cristina (1992, Sabará - MG) Massuelen Cristina é artista e pesquisadora, graduada em Psicologia pela Universidade FUMEC e especialista em Artes Visuais como tecnóloga pelo Centro Interescolar de Cultura Arte Linguagens e Tecnologias (CICALT, ambas na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. De uma família de lavadeira, neta de Dinorá e Filha de Sueli, busca através de seus trabalhos multi artísticos ressignificar narrativas, ouvir mais do que falar e se deixar afetar e criar a partir do que observa. Artista polímata, seu trabalho passa pelas encruzilhadas da performance, pintura, audiovisual e instalação. A artista propõe em sua pesquisa curar tempo, girando em torno das etnografias do rito como tempo e espaço de desenvolvimento de símbolos, signos e das iconografias das relações corpo-território às margens do rio das velhas. Premiada nos Prêmios Vozes Agudas para Mulheres Artistas (2020), Prêmio Itaú Cultural de Artes Visuais (2020) e 7º Prêmio BDMG CULTURAL/FCS (2021) participou também com trabalhos no MIP4 - Mostra internacional de performance (2021) Festival Internacional de arte do Rio de Janeiro – FIAR (2021),

MOSTRA VERBO nas Galeria Vermelho em São Paulo e Galeria Chão SLZ em São Luiz (2022) Além de Residências Artísticas como LAB CULTURAL BDMG (2021) e IA Ouro Preto (2021), artista indicada ao prêmio PIPA (2023).

Massuelen Cristina participou da residência artística do IA em 2021.

Nita Monteiro (1990, Rio de Janeiro - RJ, vive em São Paulo - SP) Mulher, mãe, artista visual e podcaster. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, estagiou no Museu de Arte Contemporânea da USP, no cargo de assistente de curadoria de Cristina Freire - trabalhando com o acervo de arte latino-americana e engendrando a exposição Vizinhos Distantes. A artista investiga a presença de materiais envolvidos com a dimensão doméstica, afetiva e cotidiana. Baseia-se nos saberes ancestrais e populares, assim como nos trabalhos manuais feitos, em grande parte, por mãos femininas. Predomina, no conjunto de sua obra, o elemento têxtil e sua potencialidade narrativa, como uma forma de ficcionalização da vida.

Fez parte do coletivo Vozes Agudas, um grupo de estudos e intervenções com foco em arte e feminismo, ligado ao Ateliê 397. Participou de cursos em diversas instituições, como MASP, MAM-SP e Museu Lasar Segall, e do grupo de orientação artística com a curadora Ana Paula Cohen e o artista Thiago Honório. Atualmente, faz parte do grupo de acompanhamento feminista para artistas, coordenado pela curadora Talita Trizoli. Em 2022, participou do Salão de Artes Visuais de Vinhedo.

Nita Monteiro participou da residência artística do IA no programa TEMPO em 2022.

Pedro Ton (1989, Varginha - MG, vive em Belo Horizonte - MG) Atua no diálogo entre arte, magia e espiritualidade. Elege a linguagem da pintura como meio principal para travar sua relação intensa com o mundo, contribuindo para uma reflexão sobre modos de criação e percepção da arte e da vida das coisas e do todo, que alimentam sua trajetória. Durante o contexto de isolamento social, seu processo procurou olhar mais para dentro do que para fora criando na experiência das ausências a vivência de oráculos.

Através de materiais e objetos ordinários disponíveis na sua casa, descobriu outros pontos de vista de si e das coisas. Em 2022, abre “TRAVESSIA”, sua primeira exposição individual na Galeria Acaiaca –BH.

Nasceu no inverno e a partir daí procura nadar na fronteira de águas profundas.

Desde criança acredita na potência e no poder transformador da arte.

Pedro Ton participou da residência artística do IA no programa CUIDADO em 2022.

Sylvia Vartuli (1967, Conselheiro Lafaiete - MG, vive em Ouro Preto - MG) Sylvia Vartuli é artista visual e designer gráfica. Pesquisa as infâncias, as adoções e o corpo em movimento através da fotografia híbrida. Vê em seu trabalho uma polaridade entre ação e reação. Na reação, abre a gaveta da memória, dos traumas e dores. Fala de si e de outros. Na ação, olha para frente e investiga relações entre o movimento, o tempo e o corpo, como atitudes de mudanças. Participou de exposições coletivas em festivais de fotografia em Paraty, Tiradentes, Rio de Janeiro e Fortaleza.

Sylvia Vartuli participou da residência artística do IA no programa CUIDADO em 2022.

Shima (1978, São Paulo - SP, vive em Carrancas e Belo Horizonte - MG) Shima (Hirokazu Shimabukuro), apesar de ter formação em Desenho Industrial e pós-graduação em Gestão Cultural, considera-se um polímata, longe das especializações extremamente precisas, mas muito próximo de investigações profundas e específicas sobre o estar no mundo, associando saberes e disciplinas para traduzir em imagem, palavra e som o que o aproxima da Arte: aparatos para aferir realidades. Descende de indígenas uchinanchus, o que traz atravessamentos sobre o que é ser diaspórico no Brasil, imerso num estado permanente de crise. Shima participou da residência artística do IA no programa TEMPO em 2022.

Suttane Hoffmann (1992, Muriaé - MG, vive em Ouro Preto - MG) Suttane Hoffmann é artista visual, fotógrafa e tatuadora. Formada em Artes Cênicas pela UFOP, trabalha com a fotografia desde 2012, atuando com retratos, fotografias de rua e espetáculos, e também com a produção artesanal de imagens a partir da Cianotipia, pintura e colagens. Suas criações têm forte influências das manifestações afro-brasileiras e de temas que giram em torno da memória, ancestralidade e pertencimento dos povos originários e africanos.

Suttane Hoffmann participou da residência artística do IA no programa EXTINÇÃO em 2022.

Tiago Aguiar (1983, Serro - MG, vive em Belo Horizonte - MG) Tiago Aguiar pesquisa o retrato fotográfico como modo de aproximação, e o trabalho como forma de transformar espaço em lugar. É Bacharel Artes Plásticas pela Escola Guignard Belo Horizonte (MG), com especialização em fotografia no Hallmark Institute of Photography, Turner Falls (MA, EUA). É congadeiro e pesquisa a Festa do Rosário do Serro desde 2010. Foi oidealizador do projeto Retrarto Cultura e Identidade (2019-2020) selecionado no edital do FEC MG, que

promoveu exposições, Ações performáticas e formativas na cidade de Serro, MG.

Tiago Aguiar participou da residência artística do IA no programa EXTINÇÃO em 2022.

Walla Capelobo (1992, Congonhas - MG, vive no Rio de Janeiro - RJ) Walla Capelobo é uma floresta escura e lama fértil. Artista que cria na espiral do tempo que atravessa a sua vida. O seu trabalho como investigadora e artista caracteriza-se pela incorporação da vida e da regeneração. Colabora com Desculonizacion: ação e pensamento (México/Brasil) e CIPEI Círculo Permanente de Estúdios Independentes (México/Brasil). Capelobo tem participado de residências artísticas no Pivô (São Paulo), Matéria Abierta (Cidade do México) e Akademie der Kunst (Berlim). Walla Capelobo participou da residência artística do IA no programa EXTINÇÃO em 2022.

Washington da Selva (1991, Carmo do Paranaíba - MG, vive em Salvador - BA) Washington da Selva é artista visual e pesquisador. Em sua pesquisa e produção artística, experimenta a construção de uma poética autobiogeográfica, em que utiliza narrativas de experiências familiares de trabalho na zona rural do Cerrado de Minas Gerais. Trabalha com diferentes técnicas e práticas artísticas, com destaque para: trabalhos têxteis, fotografia e ações performáticas. Bacharel em Artes e Design (UFJF) e mestre em Artes, Cultura e Linguagens (UFJF). Participou de importantes programas de pesquisa, como: Lab Cultural, BDMG Cultural, 2021; Residência Esculturas Públicas e Arte na Terra, Carabina Cultural e Quartoamado, 2021.

Foi contemplado com o Prêmio DASartes 2021, com matéria na edição nº 104, em fevereiro de 2021, da Revista DASartes; e com o Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger 2021, com exposição da série Lastro (2019) no Palacete das Artes, Salvador, BA.

Washington da Selva participou da residência artística do IA no programa OFÍCIO em 2022.

Xikão Xikão (1991, Belo Horizonte - MG) Em sua formação constam a graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestrado, também em Artes Visuais, pela Universidade de Brasília (UnB). Em sua trajetória artística realizou quatro exposições individuais, mais de trinta exposições coletivas, quatro residências artísticas, entre outras experiências. É um explorador do ciberespaço e investigo como o corpo se apresenta no ciberespaço. Xikão Xikão participou da residência artística do IA no programa TEMPO em 2022.

Yanaki Herrera (1995, Cusco - Peru, vive em Belo Horizonte - MG) Yanaki Herrera é graduanda em Artes Visuais pela UFMG, a artista vive a experiência de mulher migrante desde os 15 anos, tendo passado pela Bolívia e pelo Brasil. Através do seu trabalho, cria narrativas que transitam entre a ancestralidade e o presente, buscando evidenciar os traumas gerados ao longo da colonialidade. Com a pintura, trabalha as vivências das mulheres que são atravessadas por violências de raça, gênero e classe e/ou em situação migratória.

Desde muito pequena, Yanaki teve uma relação muito íntima com as danças populares peruanas. Desde 2018, tem ministrado várias oficinas de curta duração de danças andinas e afro-peruanas na UFMG e na UEMG Divinópolis, além de rodas de conversa sobre temas como cultura popular, migração e xenofobia. Em 2021, participou do LAB Cultural BDMG com o projeto intitulado Wawa Wasi, que aborda a maternidade imigrante durante a pandemia.

Yanaki Herrera participou da residência artística do IA no programa CUIDADO em 2022.

Yná Kabe Rodrigues (1992, Brasília - DF) Yná Kabe Rodríguez, travesti, 31 anos. Bacharela em Artes Visuais pela Universidade de Brasília onde também conclui o mestrado no programa de Pós-Graduação em Arte Visuais na linha de pesquisa Métodos e Processos em Arte Contemporânea. Trabalho como artista-curadora-pesquisadora, ocupando o cargo de secretária na SEC-EIB (Secretaria para o Desenvolvimento da Primeira Escola de Indisciplina do Brasil) e atua como produtora da Cultura Ballroom brasileira com o projeto Grand Prize e é mother na Kiki House of Cyclone. Yná Kabe Rodrigues participou da residência artística do IA no programa CUIDADO em 2022.

CARTOGRAFIA DE *ENCONTROS*

ARQUIVOS DO *PROGRAMA DE* RESIDÊNCIAS IA

TAINÁ AZEREDO E VALQUÍRIA PRATES
Curadoras do Programa de residências IA

DE 11/08 A 16/10

Entre os anos 2020 e 2022, o IA realizou cinco programas de residência, que aconteceram virtualmente. Trocas, diálogos, visitas, silêncios e brindes sucederam mediados por telas e lentes e, apesar das distâncias, criamos territórios comuns e descobrimos coletivamente muitas possibilidades de ocupar o espaço.

Ao longo desse tempo, os vestígios, processos e aprendizados foram se tornando um grande arquivo de encontros, conversas, performances, exposições, publicações educativas, perguntas abertas e diagramas.

Agora, pela primeira vez, os programas se encontram reunidos nesta exposição, que propõe discutir, indagar e amplificar questões sobre a dinâmica e a potência de um arquivo.

O gesto de espacializar todo o repertório de nossas residências em uma galeria da Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP) possibilita a partilha pública dos processos de construção de sentidos e transformação vivenciados por cada pessoa que tomou parte no programa, tanto no âmbito individual como em coletivo: artistas, curadores, professores, públicos e todos os profissionais colaboradores do IA. É também uma tentativa de fazer ecoar, nas paredes da FAOP, muito do que estava guardado em cadernos ou em estantes virtuais, tornando a história do programa e da instituição uma matéria do presente.

Um diagrama traz à superfície da parede as palavras que guiaram as conversas e profundezas de nossos encontros. Torna visual aquilo que é memória coletiva, colocando em relação os tempos diversos do programa de residências e também as pessoas que nunca compartilharam o mesmo espaço físico. Junto dele, duas televisões exibem os encontros realizados ao longo de dois anos de trabalho. As aulas com artistas, pesquisadores e professores convidados são exibidas na primeira, enquanto a segunda mostra os diálogos entre artistas participantes do programa. As exposições online e publicações educativas podem ser exploradas com o auxílio e orientação dos educadores do Programa Educativo Efigênia Carabina.

Convidamos o público a explorar as trilhas dessa nossa carta de navegação, desvendando os mistérios, atravessando os territórios e deixando os corpos encontrarem com as memórias de quem passou pelo IA, um lugar de encontros.

SE QUISER
SABER DO FIM,
PRESTE ATENÇÃO
NO COMEÇO

ADVÂNIO
LESSA
Exposição

VALQUÍRIA PRATES
Curadoria

DE 11/08 A 27/08

Fruto de um longo, ininterrupto e fértil percurso de criação artística, a monumental instalação *site-specific* de Advânio Lessa reúne dezenas de esculturas do artista, criadas nas terras quilombolas de Lavras Novas (MG).

Em um cortejo, as peças partem da sala do Panteão, no Museu da Inconfidência, atravessando seu pátio interno, saguão de entrada e escadarias que ligam o museu à rua, em direção ao adro da Igreja Nossa Senhora Do Carmo e seus muros.

Juntas, as esculturas, vivas, cantam histórias de conexão, conflitos, encontros e desencontros que se deram, entre tempos e vidas, no território expandido de Ouro Preto (MG). As peças falam de trabalho e também de amor, violência, saberes, tecnologias. Apontam para as lógicas comunitárias de uma possível vida-quilombo e também para os embates contracoloniais dos tantos que aqui nasceram, de corpos sequestrados de África e escravizados no Brasil. Nos lembram das pessoas que construíram, entre tantas outras cidades brasileiras, Ouro Preto (MG) e a rica cultura de seu território. Um legado de gerações, com saberes, afetos e a tenacidade de quem inventou a liberdade ao recusar as lógicas da colonização em processos cada vez mais pedagógicos de humanização, enfrentando todos os tipos de violência e abusos inimagináveis.

Encarnado do rigor de quem aprendeu com quem veio antes que “*quando o trabalho é grande a emenda é pequena*”, Advânio Lessa trança os conhecimentos da cestaria e da marcenaria com a inteligência das madeiras e fibras encontradas nas matas ouropretanas: Cipó Alho, Cipó São João, Candeia, Jacarandá, Folha Miúda e Azeitona.

É com as plantas que o artista-agricultor investiga os ciclos, o tempo e os processos de transmutação de vida-morte-vida, honrando no território a passagem dos tantos que o construíram e que seguem fazendo a vida acontecer em cada prato de comida e no abrigo de cada afeto.

Todas essas histórias, muitas esquecidas ou apagadas, são celebradas na performance-rito em que os tambores do congado despertam cada uma das obras deste cortejo, com a participação da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia. São histórias de liberdade, quilombismo, uma mistura de invenção e ação de quem assume a responsabilidade política e afetiva de fazer do amor um fundamento: modo de vida.

Valquíria Prates

A mostra de Advânio Lessa faz parte do *Programa de Pesquisa em Arte Contemporânea IA*, que acompanha anualmente artistas locais com produção e pesquisa consolidadas há pelo menos duas décadas.

Advânio Lessa vive e trabalha em Lavras Novas (MG), é artista e agricultor. Pesquisa materiais e resinas naturais, tridimensionalidade, gravidade, equilíbrio e os ofícios da agroecologia, da marcenaria e dos trançados de fibras. Participou de exposições em São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG) e tem obras em coleções na Alemanha, Japão, Bélgica e Estados Unidos.



Se quer saber o fim, preste atenção no começo, instalação site specific no Museu da Inconfidência e no adro da Igreja Nossa Senhora do Carmo, com esculturas em madeira, cipó e pedra sabão, dimensões variadas.



ANO QUE VEM BRILHAREI

EMILIANA MARQUETTI

Exposição

VALQUÍRIA PRATES
Curadoria

DE 11/08 A 16/10

O relógio de Emiliana Marquetti registra suas trajetórias na espiral de um corpo-lugar que carrega o antes, o agora e o depois da vida-vivida. Não faz *tic-tac*, mas insinua: “*vida-morte. vida-vida. morte-vida. vida-morte. vida-vida. morte-vida. vida-morte. vida-vida. (...)*” e assim, sincopadamente. “Sempre é tempo de fazer”, gesticulam todas as mãos-sementes de acontecimentos-voadores. Poucas imagens poderiam ser mais barrocas e contemporâneas que as suas pinturas ‘máquinas do tempo’.

Em suas exposições e ateliê, âmbitos público e privado, os conjuntos de imagens se organizam por anos. Tempos feitos de dias comuns, em que coreografias foram dançadas, mãos e pés fincaram presença em espaços-tempo, marcando acertos, erros, intimidades, tensões, gozos, alegrias, lágrimas. Os encontros em seu espaço de criação são sempre muito bem planejados: banquetes à luz do dia para todos os sentidos, com bolo, vinho, talheres e louças, trilha sonora, incenso e velas. As saídas noturnas são quase-performances, mergulhos na noite, figurino e maquiagem sempre naturalmente montados, como nos adereços e espelhos de suas pinturas.

Na produção da artista, quase tudo é composto ou está prestes a compor, acoplar, juntar. Em laços, galhos, hastes, dentes, pérolas, caminhos, poros, tijolos, unhas, lábios, sempre em diferentes proporções de claridade e escuridão.

A vida brota em abundância, com a violência dos afetos da terra, atravessados pelas águas em diferentes temperaturas, no rodopio dos ventos em velocidades variadas. Tudo se transmuta na fúria do fogo, que a tudo ilumina. Olhos e bocas, enormes, peitos, pés, mãos. Fragmentos de corpos com o viço das gavinhas em expansão, conquistando os espaços disponíveis e possíveis. Emiliana é sempre presença, prazer e percepção. É sempre agora. Eros aqui é feminino: erótica.

A inteligência selvagem de Emiliana Marquetti sabe muito bem de tudo o que não consegue lembrar e, por isso, decide com coragem: “Ano que vem brilharei”.

E segue, brilhante.

Um dia de cada vez.

Valquíria Prates

A mostra de Emiliana Marquetti faz parte do *Programa de Pesquisa em Arte Contemporânea IA*, que acompanha anualmente artistas locais com produção e pesquisa consolidadas há pelo menos duas décadas.

Emiliana Marquetti

(1973, Recife - PE, vive e trabalha em Ouro Preto - MG).

Em 2005, Emiliana começou a frequentar os ateliês de cerâmica, pintura, gravura, desenho e aquarela da Fundação de Artes de Ouro Preto, onde experimentou diferentes técnicas e linguagens das artes visuais. Com uma produção ininterrupta nos últimos vinte anos, a artista vem produzindo um consistente trabalho de pintura em acrílica e aquarela, tendo participado de exposições individuais e coletivas ao longo de sua carreira. Algumas das inspirações que ela cultivou ao longo da vida são o interesse por moda, leitura e escrita, além do gosto pelas noites da cidade, a gastronomia e a hospitalidade.



The clock, 2010
Acrílica sobre tela, 82,5 × 62,5 cm



A festa, 2022
Acrílica sobre tela, 100 × 120 cm



Arábia Saudita, 2015
Acrílica sobre tela, 40 × 40 cm



Cortiço, 2022
Acrílica sobre tela, 150 × 205 cm

OUVIR OU A ARTE DA ESCUTA

WAGNER NARDY
Texto curatorial

CRACA Exposição



“Fatos são simples e os fatos são diretos. Os fatos são preguiçosos e os fatos são tardios. Todos os fatos vêm com pontos de vista. Os fatos não fazem o que eu quero. Os fatos apenas distorcem a verdade. Os fatos estão vivendo virados do avesso.”
David Byrne

As primeiras referências conhecidas da espionagem estão em registros judiciais. De acordo com o Oxford English Dictionary, o primeiro uso atestado de o substantivo ‘bisbilhoteiro’ é de 1487, nas listas de um Tribunal de Sessões local no Borough de Nottingham. Mas, em 1425, os jurados em Harrow, Middlesex, já denunciavam um certo John Rexheth por ser um ‘bisbilhoteiro comum’, ‘escutando à noite e bisbilhotando os segredos de seus vizinhos’. E em 1390, John Merygo, um capelão em Norwich, foi preso por ser “um vagabundo noturno comum”, “acostumado a ouvir à noite sob o beiral do vizinho”. As raízes do termo são muito mais antigas e o uso contemporâneo há muito ultrapassou suas origens medievais.

Hoje, ‘escutar’ se refere a tudo, desde atos inadvertidos e triviais de escutas telefônicas policiais às estruturas de vigilância globais e à captura massiva de dados corporativos dos quais eles dependem.

O trabalho “Ouvir”, do artista sonoro Craca, parte destes princípios para criar um ambiente de transmissão ancestral de conhecimento através do ato de contenção, aprendizado e retransmissão do som.

O artista desenvolveu uma inteligência artificial em que duas comunidades distintas se retroalimentam por meio de padrões sonoros, em um campo de batalha acústico que gera uma espécie de *internet* da vida, trazendo novas possibilidades e leituras de organização social.

Sabemos que a natureza fala entre si e se comunica de maneira anímica e misteriosa. É daí que nasce o interesse do artista pelas formas de escuta, no que Craca pretende estabelecer balidas, não apenas para uma arte sonora, mas para uma arte da escuta. A exemplo de artistas como Janett Cardiff e o Grivo, o artista parte de sua escultura sonora para criar simulações nos campos estéticos, sensoriais e psicanalíticos e por último, políticos, pois, é através da escuta - primeiro sentido desenvolvido na organização do ser - que o outro passa a existir socialmente, uma vez que todas as situações de escuta pressupõem e implicam um limiar de audibilidade.

OUVIR, 2012
Impressão 3D, alto-falantes, microfones
sintetizadores e sistema de inteligência artificial.
Obra comissionada pela mostra Transe da
13ª Bienal do Mercosul, doada para o IA –
Instituto de Arte Contemporânea de Outro Preto.

Quando as corporações e governos mais poderosos do mundo nos escutam com facilidade, o que significaria ouvir de volta? E se nós ocupássemos a posição de bisbilhoteiro, possuíssemos e assumíssemos a responsabilidade por isso? O que pode ser aprendido? Politicamente, o que se pode ganhar? Artisticamente, o que seria possível?

Craca responde a estas perguntas com suas colmeias, distintas mas interdependentes, que se espelham e se repelem auditivamente numa espécie mesmo de fábula sobre os dias atuais e o dilema do unísono.

Como um convite ao público, de tomar parte tanto como “bisbilhoteiro” ou participe, o artista levanta questões em torno dos vazamentos entre as esferas íntima, pública e privada, confundindo suas fronteiras e levantando críticas sobre nossa atuação nos sistemas de informações da atualidade.

Wagner Nardy

A mostra de Craca faz parte do *Programa de Arte e Tecnologias IA*, com a participação de artistas convidados ou parceiros interessados em realizar trabalhos de arte contemporânea em Ouro Preto (MG).

Craca – Felipe Julián (La Plata, 31 de dezembro de 1975). Artista visual e produtor musical argentino-brasileiro. Concentra seu trabalho artístico na criação de instalações, performances sonoras, audiovisuais e video mapping.

Craca é o “adulter-ego” do produtor musical e artista visual Felipe Julián, vencedor do Prêmio da Música Brasileira, do prêmio Profissionais da Música e do Troféu Catavento pelo “conjunto da obra” na categoria “Experimental”. Com seus projetos musicais ou instalações plásticas já circulou por Alemanha, França, Bélgica, Inglaterra, Noruega, Irlanda do Norte, República Tcheca, Argentina, Chile e Uruguai. Participou da Bienal de Arquitetura 2018, da BienalSur 2019 e de diversas coletivas no Brasil.

A PONTE OU ESTRATÉGIAS DE SUBLIMAÇÃO

SUBLIMAR_04

Performance

WAGNER NARDY
Texto curatorial

“Eu vou fazer de você a ponte erguida pro outro lado da vida.”
Erasmo Carlos

A obra “Sublimar_” é um programa poético-performativo, “work in progress” criado através de experimentos e processos autônomos, pelas artistas Lû Coelho Gomes e Sofia Só, a partir de fabulações de objetos, memórias e experiências pessoais e culturais - diários, poesias, composições dentre outros recursos, e realizado em três eixos principais: visual, sonoro e corporal, através de uma fusão entre circo, dança, música e performance, sincronizados com a diretriz conceitual atual do projeto, o entorno e as formalidades do processo artístico.

A performance *Sublimar_04* (quarta edição), será apresentada na primeira edição da Semana de Arte Contemporânea do IA - Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto, partindo de premissas que se adequam ao espaço e contexto de modo dinâmico e fluido, natureza inerente ao próprio projeto, que se instala de maneira rizomática e ampla nos ambientes em que ocorre.

É sabido que a sublimação, na psicanálise, é um tipo de mecanismo de defesa maduro, no qual impulsos ou idealizações socialmente inaceitáveis são transformados em ações. Um tipo de elevação, um transformar-se em forma superior. Uma transmutação, naquilo que Wade e Travis afirmam: “a sublimação ocorre quando o deslocamento serve a um propósito cultural ou socialmente mais alto, como na criação de arte ou invenções”.

É justamente imbuído desse “ânimus” que a obra Sublimar_ acontece de maneira randômica, confundindo as fronteiras entre o interno e o externo, privado e público, o estranho e o belo, o fantástico e o cotidiano. Ao invés de tratar a sublimação como forma escapista, o trabalho de Lû e Sofia trata, a partir de estratégias artísticas, de construir pontes que nos levam a crítica e a provocação do estado de si e das coisas ao nosso redor, criando assim tratativas inovadoras do fazer prático, científico e artístico.

Ao construir uma obra que desafia as caixas classificativas que regem a arte contemporânea, o trabalho cria um elo que estimula o outro a repensar paradigmas e paradoxos, resignificando vivências e subjetividades, estabelecendo novos conceitos e estatutos, sobretudo em relação ao objeto de arte. Sublimar_ é técnica coexistencial, sintetizada através das palavras de suas autoras: “ao compartilhar nossas vivências pessoais e explorar nossa subjetividade construímos uma possibilidade de diálogo com o público, permitindo que eles se conectem emocionalmente e encontrem pontos de identificação ou reflexão. A narrativa de si permite compartilharmos nossas histórias pessoais, estimulando um diálogo profundo e íntimo com o espectador.”

Num momento em que a sociedade está desperta para o debate da diversidade, da inclusão e da sustentabilidade, a obra artística Sublimar_ vem justamente ao encontro de tais aspirações humanas e necessárias ao pleno desenvolvimento do “homo societatis”. Assim, a proposta das artistas performata as inúmeras indagações do “dever ser” desafiando o público a descobrir respostas. Uma ponte aberta para o outro lado.

A performance *Sublimar_04* faz parte do *Programa de Arte e Tecnologias IA*, com a participação de artistas convidados ou parceiros interessados em realizar trabalhos de arte contemporânea em Ouro Preto (MG).

SUBLIMAR_ é uma série de experimentos poético-performativos, desenvolvida pelas artistas Lû Coelho Gomes e Sofia Só, que parte da vontade de sublimar acontecimentos, rupturas, lutos e ciclos da vida social, e que tem como premissa o conceito de sublimação na psicanálise. Um convite à abstração, contemplação, fruição e análise com o outro.

MESAS ENCONTROS COM A ARTE CONTEMPORÂNEA

MESA 1

Reencenar o Mistério

Organização e mediação: João Simões

Participam: Adriano Machado, Zica Pires, Yhuri Cruz

Segredo. Abismo. Oculto. O mistério se constituiu em um elemento fundamental no desenvolvimento das tecnologias ontológicas, sociais e culturais dos povos de matrizes africanas na diáspora. Ele não é resposta à violência colonial apenas, mas dimensão de aprendizagem, ética, conexão e estética; manifesta-se hoje na produção de uma gama enorme de pessoas denominadas artistas pelo pensamento ocidental, que nos impõe títulos e fazeres específicos e delimitados.

Mas o que é o mistério? Ele pode ser explicado, sentido ou revelado? Até onde podemos com ele? Como as práticas artísticas, os fazeres cotidianos, as ações em comunidade e as relações com a terra se implicam nessa dimensão? Para nos aproximarmos do mistério, ou de algumas de suas faces, teremos nessa mesa a presença da artista, pedagoga e liderança quilombola Zica Pires; do dramaturgo, artista e escritor Yhuri Cruz, e; do artista participante do programa de residência do IA de 2022, Adriano Machado.

Adriano Machado

Artista Visual, possui mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia e desenvolve projetos artísticos em fotografia, vídeo e objetos que discutem questões sobre identidade, território, ficção e memória, investigando processos de políticas de vida. Suas obras apontam para a condição humana entre os espaços de convivência e os territórios afroinventivos. Participou da residência artística do IA no programa EXTINÇÃO, em 2022.

João Simões

Artista, curador independente, pesquisador e educador. Sua prática artística atual está focada no conceito de corpo-cristal - uma pesquisa poética de longo prazo sobre corporeidade, tempo, tecnologia, ancestralidade e exploração da Terra. É co-criador, com Cláudio Bueno, da plataforma Explode!. Participa de curadorias, falas públicas e performances em diversas instituições culturais nacionais e internacionais.

Yhuri Cruz

Artista visual, escritor e dramaturgo. Desenvolve sua prática artística e literária a partir de criações textuais que envolvem ficções, proposições performativas – que o artista chama de cenas – e instalativas em diálogo com sistemas de poder, crítica institucional, relações de opressão, encenações de cura, resgates subjetivos e violências sociais reprimidas. Suas produções plásticas e performativas mais recentes tendem a se relacionar com monumentos, fabulações, performatividade das palavras e esculturas em pedra. Em 2019, foi indicado ao Prêmio PIPA e ganhou o Prêmio Reynaldo Roels. Suas obras estão em coleções públicas e privadas.

Zica Pires

Zica Pires mora no Quilombo Santa Rosa dos Pretos Maranhão, se considera um ser Afroriginária, e percebe o mundo a partir da pluralidade do círculo que é assim que se expressa a natureza, e ela como uma semente crioula segue a partilha do plantar e partilhar, o que nos torna a diferença da possibilidade, a real construção de mundo.

MESA 2

Memória, arte contemporânea e patrimônio

Organização e mediação: Alex Calheiros

Participam: Ana Avelar, Josi e Marcelo Araújo

Que relações são possíveis - e cada vez mais presentes e necessárias - entre a cultura material, o patrimônio imaterial e a arte contemporânea? Por que a arte contemporânea tem se interessado cada vez mais por espaços dedicados à memória e ao patrimônio?

A parceria entre o IA e o Museu da Inconfidência faz parte de projetos de ambas instituições envolvendo o patrimônio e a arte contemporânea em exposições no território. Para discutir os desafios institucionais e materiais envolvidos neste tipo de colaboração, o museólogo Marcelo Araújo, a curadora Ana Avelar e a artista Josi se reúnem para conversar sobre os encontros entre arte, memória e história na arte contemporânea.

Alex Calheiros

Graduação e doutorado em Filosofia, pela Universidade de São Paulo. Professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UNB). Foi coordenador da licenciatura em filosofia, chefe de departamento e diretor de cultura da universidade de Brasília. Dirigiu o departamento de processos museais do instituto brasileiro de museus. Atualmente dirige o museu da inconfidência em Ouro Preto. Tem diversas publicações em livros e artigos nas áreas de filosofia política, estética e arte.

Ana Avelar

Professora, crítica e curadora. Realiza exposições em espaços como Centro Cultural Banco do Brasil de Belo Horizonte (CCBB-BH), Farol Santander (SP), Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP) e SESC-SP. Participa de júris de prêmios nacionais, como o Marcantonio Vilaça, Pipa e Rumos Itaú Cultural e organiza residências artísticas em todo o país. É curadora responsável pelo Programa de Intervenções de Arte Contemporânea do Museu da Inconfidência.

Josi

Graduada em Letras pela UFMG, atualmente cursa o bacharelado em Artes Plásticas na Escola Guignard (UEMG). Suas pesquisas visuais partem de um quorar de saberes que vão se acumulando nas mãos no dedilhar da vida, com trânsito pelo lavar, o desenho, a cozinha, a cerâmica, o tecer, a pintura, o fiar, a animação. Participou da residência artística do IA no programa OFÍCIO, em 2022.

Marcelo Araújo

Museólogo e advogado, diretor geral do Instituto Moreira Salles. Foi diretor da Pinacoteca de São Paulo, do Museu Lasar Segall e da Japan House Sao Paulo, Secretário de Estado da Cultura de SP e presidente do Ibram/MinC.

MESA 3

Fabulações do corpo

Organização e mediação: Christine Greiner

Participam: Efe Godoy, Eleonora Fabião, Pablo Assumpção

O termo fabulação vem sendo usado de formas diferentes na literatura e em outras experiências artísticas. O que tem nos afetado é o aparecimento fabulatório de mundos que não foram feitos para sobreviver, o persistente reaparecimento do que nunca quis ou nunca pode aparecer porque opera fora dos padrões.

Neste sentido, fabular é muito mais do que incluir momentos de fantasia em uma história. É um modo de fazer algo oculto emergir no fluxo de vida e morte. Em sua ficcionalidade, vidas humanas e outras-que-humanas, nos fazem ouvir a dor do outro. Aquilo que nem sempre se diz. Então indagamos:

Como a arte reverbera e age explicitando e interferindo em processos políticos? Diferentemente da política colonial e misógina, a política performativa da arte se alimenta de alteridades e diferenças? Quais as dimensões performativas da voz, mesmo quando esta não articula palavras?

Quando o mundo é visto embaçado faz explodir opacidades? Os hibridismos entre linguagens, corpos e gêneros fabulam memórias de ontem e desenham o que um dia será?

Christine Greiner

Professora livre-docente do Departamento de Artes da PUC-SP. Ensina no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica e na graduação em Artes do Corpo. É diretora do Centro de Estudos Orientais e autora de diversos livros e artigos publicados no Brasil e no exterior. Pesquisa e orienta teses relacionadas a artes, ativismos, cultura japonesa, filosofia política e estudos do corpo. Desde 2010, Greiner estuda as políticas para a morte e a relação entre corpo e extinção. O desafio é reverter os estados de extrema vulnerabilidade em processos de criação a partir de fabulações.

Efe Godoy

Artista visual míope, poeta, transvestigenera, ELA/dela, pesquisa hibridismo em suas variadas linguagens (vídeo, desenho, performance) com ênfase em recortes de memórias da infância e fabulações espontâneas. Efe Godoy, natural da cidade de Sete Lagoas/MG, hoje vive e trabalha em Belo Horizonte. Passeou pela Escola Guignard UEMG e continua formação através de vivências em residências no Brasil e exterior. Efe Godoy participou da residência artística do IA em 2021.

Eleonora Fabião

Performer e teórica da performance. Realiza ações, exposições, palestras, leciona e publica internacionalmente. Trabalha com matérias diversas – humanas e não-humanas, visíveis e invisíveis, leves e pesadas, estético-políticas. “Coisas que precisam ser feitas” (Performa NY, 2015) é o título de um trabalho e, também, um modo de referir-se à prática. Professora da UFRJ – Graduação em Direção Teatral e Pós-graduação em Artes da Cena. Coordenadora do Curso de Direção Teatral. Doutora e Mestre em Estudos da Performance (New York University) e Mestre em História Social da Cultura (PUC-Rio). Pesquisadora CNPq-nível 2.

Pablo Assumpção

Professor associado do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (UFCE), com ensino e produção científica em artes, estudos da performance, raça, gênero e sexualidade. Coordena o grupo de pesquisa PoPe — Poéticas da Performatividade, vinculado do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC).

PROGRAMAS PÚBLICOS

AÇÕES ARTÍSTICAS E TRABALHOS COLABORATIVOS NO TERRITÓRIO

Cinco artistas residentes com pesquisas sobre participação, convívio e colaboração foram convidados a desenvolver propostas de intervenções, ações e oficinas artísticas no território de Ouro Preto e do distrito de Antônio Pereira durante a 1ª Semana de Arte de Ouro Preto.

Beatriz Toledo

FACA, 2019-2023

Ação pública

FACA é um projeto que mistura leitura e cabeleireiro. Enquanto o cabelo é cortado, se propõe a leitura de um texto sobre política em voz alta. O preço é livre.

Os trabalhos da Beatriz Toledo são um encontro entre ofícios, a mistura das práticas. Nas mãos - instrumentos de cabeleireira; na relação com o outro - corte e texto ganham forma e sentido. Intenções e gestos são coreografados entre a mão da artista-cabeleira e o convite cuidadoso e negociado dos desejos de quem se coloca disponível ao que quer que possa ser feito em diálogo.

Ana Fátima de Carvalho

Estandartes Afetivos, 2023.

Oficina de criação de estandartes.

Atividade de produção de estandartes a partir da técnica de monotipia sobre pano, com coleta sensível de folhas que fazem parte da vegetação do Distrito de Antônio Pereira, uma colheita afetiva nos quintais e nas ruas do distrito. Ao final da oficina, o grupo realiza uma intervenção poética, com os estandartes sendo expostos nas fachadas das casas das participantes.

Barbara Bija

Um plano infalível, 2023.

Oficinas artísticas em escola de Antônio Pereira (MG)

Em um laboratório comunitário de experimentação artística, os participantes elaboram um “plano infalível”, baseado na provocação da artista *O Livro das Ideias (bobas e fantásticas)*. Para isso, os participantes devem traçar um percurso criativo de investigação, criando um mapa ou mural gráfico usando técnicas de colagem, impressão, carimbo e fotografia.



1



2



3



4



5

1. MUSEU DAS CONFIDÊNCIAS

O Museu das Confidências é uma ação participativa realizada em colaboração com o público da exposição. Nesse projeto, criamos coletivamente um espaço para preservar e lembrar dos nossos segredos, das confidências que trocamos, das fofocas e das intimidades compartilhadas em nossas relações mais íntimas. A obra permeia o acervo da Conjuração Mineira, trazendo elaborações ficcionais sobre confidências na vida íntima e pública, que são expressas por meio de textos e contribuições visuais.

Lygia Peçanha
MUSEU DAS CONFIDÊNCIAS, 2023.
Ação participativa com mulheres que vivem em Antônio Pereira (MG)

O Museu das Confidências é uma ação participativa realizada em colaboração com o público da exposição. Nesse projeto, criamos coletivamente um espaço para preservar e lembrar dos nossos segredos, das confidências que trocamos, das fofocas e das intimidades compartilhadas em nossas relações mais íntimas. A obra permeia o acervo da Conjuração Mineira, trazendo elaborações ficcionais sobre confidências na vida íntima e pública, que são expressas por meio de textos e contribuições visuais.

Jorge Lopes
Presença, 2023.
Oficinas de dança-performance

Em diálogo com a sua pesquisa em dança-performance acionando a escuta criativa, a oficina Presenças busca aproximar os participantes das memórias pessoais a partir da materialidade e imaterialidade do espaço, compreendendo que a partir destas memórias o corpo tem a capacidade de narrar em gesto formas de percepção e consciência corporal. O artista promove uma investigação em dança-performance, partilhando uma pesquisa sobre de que forma cada pessoa se relaciona com as suas memórias pessoais em diálogo com as camadas da paisagem.

2. DJAHI

DJ AHI é uma artista independente, produtora cultural e comunicadora, possuindo formação multi artística e multidisciplinar. Produtora e DJ residente das festas: Fervo @fervobh, PRETA MOV @pretamov, Baile Showme e N Baile @baile.nb, ela trabalha com música desde a infância e atua como DJ desde 2018. Em sua pesquisa musical busca a conexão com os ritmos afro-brasileiros e de origem preta/ latino-americana. Ela traz em seu repertório muito funk, pagodão baiano, ritmos populares da cultura BR, afrobeats e fortes batidas eletrônicas dançantes, além da farofa pop BR/internacional. Possui um portfólio extenso que passa por espaços como Inhotim, Autêntica, Sula BH, Odeon Huh, Gruta!, Back to Black AfroHouse & AfroPub, Teatro Espanca, Belorizonte, entre outros espaços da capital mineira, do interior de Minas e nos estados do RJ e BA. Além disso já fez abertura de shows de artistas como Leci Brandão e Rincon Sapiência. DJ AHI vive a festa e celebra os movimentos, o espaço do encontro, do afeto e do prazer eufórico: a pista de dança! Crédito das fotos: Jackson Romanelli | Universo Produção [1]

DJ AHI @jahiamani é preta, não-binária e, além de DJ, é diretora, produtora cultural e comunicadora, possuindo formação multi artística e multidisciplinar. Produtora e DJ residente das festas: Fervo @fervobh, PRETA MOV @pretamov, Baile Showme e N Baile @baile.nb, ela trabalha com música desde a infância e atua como DJ desde 2018. Em sua pesquisa musical busca a conexão com os ritmos afro-brasileiros e de origem preta/ latino-americana. Ela traz em seu repertório muito funk, pagodão baiano, ritmos populares da cultura BR, afrobeats e fortes batidas eletrônicas dançantes, além da farofa pop BR/internacional. Possui um portfólio extenso que passa por espaços como Inhotim, Autêntica, Sula BH, Odeon Huh, Gruta!, Back to Black AfroHouse & AfroPub, Teatro Espanca, Belorizonte, entre outros espaços da capital mineira, do interior de Minas e nos estados do RJ e BA. Além disso já fez abertura de shows de artistas como Leci Brandão e Rincon Sapiência. DJ AHI vive a festa e celebra os movimentos, o espaço do encontro, do afeto e do prazer eufórico: a pista de dança! Crédito das fotos: Jackson Romanelli | Universo Produção [1]

LITERATURA PRA DANÇAR – Juliano Mendes

Reverenciando cordelistas, repentistas e rappers, que trabalham na intersecção entre narrativa e música, o multiartista ouro-pretano Julliano Mendes e o produtor e pesquisador musical Henrique Rocha apresentam a performance audiovisual LITERATURA pra DANÇAR. Henrique Rocha é produtor musical, professor e pesquisador acadêmico. Doutor e Mestre em Artes pela Universidade de São Paulo; Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto. Julliano Mendes é performer, escritor e diretor de teatro. Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto e mestre em Estudos da Linguagem pela mesma instituição. [2]

3. CRACA E DANI NEGA

Craca e Dani Nega juntaram-se em 2016, para lançar “Dispositivo Tralha”, álbum vencedor do Prêmio da Música Brasileira e do Prêmio Profissionais da Música. Em 2018 lançam seu segundo álbum “O Desmanche” com participações de Luedji, Clarianas, Roberta Estrela D’Alva, Juçara Marçal dentre outras. Este trabalho também foi agraciado pelo Prêmio Profissionais da Música. Além de diversos festivais brasileiros, a dupla apresentou-se em palcos da Irlanda do Norte, Alemanha, França, Bélgica e Noruega. Em seus shows pelo Brasil já tiveram a companhia de nomes como BNegão, Luedji, Ilu Obá, Juçara Marçal, Gog. [4]

4. ATLÂNTICA BANDA

Criada em 2020, a partir do encontro entre integrantes do bloco Roda de Timbau, a Atlântica Banda é formada por Ludmilla Rodrigues (voz), Jonatah Cardoso (guitarra), Felipe dos Santos (baixo) e Pedro Thiago (percussão), o Petê. Foi inspirado no cortejo da Roda, bloco fundado por Petê, que a banda começou a se desenhar. “O bloco da Roda tem uma bateria vigorosa, uma pegada rock’n’roll e um posicionamento combativo e progressista. Todos conheciam o bloco e tinham em comum a vontade de montar uma banda com uma formação enxuta, para compor e tocar músicas nesta linha”, diz Petê. “Com a pandemia, o cancelamento do Carnaval e a impossibilidade de fazer shows, os artistas ligados a esta cena tiveram que se reinventar. Percebemos que era hora de trabalhar nosso repertório autoral, seguindo o exemplo de blocos como a própria Roda, que já lançou músicas próprias”, completa. A partir daí, a Atlântica Banda compôs e gravou suas duas primeiras músicas “Timbalícia” e “Atlântico Negro”. Ambas as faixas foram gravadas no Estúdio Motor, em Belo Horizonte, e têm produção musical assinada por Rafael Dutra. Além dos músicos da banda, a gravação contou com o reforço de Débora Costa nas percussões, nas duas canções; com Bruno Malaguti, nos teclados, em “Timbalícia”; e com Leonardo Brasilino, no trombone, em “Atlântico Negro”. Petê ressalta que os dois singles não fazem parte do disco, que contará com outras nove faixas autorais. “As músicas do álbum expandem nossa concepção sobre o oceano sonoro pelo qual navegamos. De onde vieram os ritmos afro-americanos que nos influenciam; por quais transformações passaram durante esta jornada; como nos atravessam, hoje, e quais possibilidades apontam para o futuro”, reflete. [5]

5. SOFIA SÓ

Residente em Ouro Preto, a artista independente Sofia Só estreia seu primeiro pocket-show autoral, trazendo sonoridades eletrônicas, instrumentos, e voz complementando-os com líricas resultantes de estudos textuais e da improvisação. Sofia Só transmuta em suas músicas as reflexões, perspectivas, análises e sentimentos que tem sobre sua vida tridimensional, a partir de uma atmosfera estética digital-analógica. Partindo de referências Dream Pop, R&B, Dance Music, Psychedelic Music, Pós-Punk e Trip-Hop, a artista cria sempre a partir da premissa de experimentação de sons, não se restringindo a qualquer gênero musical. O pocket-show “Sofia Só: Ao Cubo!” nasce para dar corpo a essas canções e criações artísticas, trazendo o acontecimento para o presencial no intuito de gerar conexão, fruição, reflexão e euforia. O músico Pinduca Batera conflui com as canções na bateria, resultando assim em uma sublime explosão artística. Concepção: Sofia Só; Criação musical: Sofia Só; Bateria: Pinduca Batera; Orientação artística: Lú Coelho Gomes; Orientação técnica: Samuel D’Angelo. Créditos foto: Lázaro Deusdetith [3]

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Todas as exposições: de 11/08 a 16/10
Advânio Lessa: de 11/08 a 27/08

11/08

18h
Cerimonial de abertura
Local: Pátio do Anexo do Museu da Inconfidência, localizado na rua Antônio Pereira, 3, Centro.

19h
Abertura da exposição coletiva *O Corpo invisível da memória*, com a participação dos artistas residentes do IA entre os anos de 2021 e 2022, com curadoria de Tainá Azeredo e Valquíria Prates, no Museu da Inconfidência.

Com a participação de: Abiniel João Nascimento, Adriano Machado, Ana Fátima Carvalho, Ana Paixão, Bárbara Bija, Bárbara Mol, Beatriz Toledo, Belize de Melo Neves, Bruno Novaes, Charlene Bicalho, Douglas Aparecido, Duo Paisagens Móveis, Efe Godoy, Felipe Rezende, Jorge Lopes, Josi, Lucas Soares, Lygia Peçanha, Massuelen Cristina, Nita Monteiro, Pedro Ton, Shima, Suttane Hoffmann, Sylvia Vartuli, Tiago Aguiar, Walla Capelobo, Washington da Selva, Xikão Xikão, Yanaki Herrera, Yná Kabe Rodrigues.

19h30
Abertura da exposição *Se quiser saber do fim, preste atenção no começo*, do artista Advânio Lessa, com cortejo do Congado Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Curadoria de Valquíria Prates (Museu da Inconfidência e Adro da igreja de Nossa Senhora do Rosário).

Abertura da exposição *Ano que vem brilhar*ei, de Emiliana Marquetti, com curadoria de Valquíria Prates (Sala Athaide – Anexo do Museu da Inconfidência).

20h30
Coquetel

12/08

15h
Abertura da instalação *Ouvir*, do artista Craca, com texto curatorial de Wagner Nardy, na Galeria “Nello Nuno” – FAOP, rua Getúlio Vargas, 185, Rosário.

Abertura da exposição *Cartografia de encontros: arquivos do Programa de residências IA*, com curadoria de Tainá Azeredo e Valquíria Prates, na Galeria “Nello Nuno” – FAOP, rua Getúlio Vargas, 185, Rosário.

16h30
Lançamento do livro Frans Krajcberg (1921-2017) [...] *Ao acordar a natureza estava preta e branca*. Com participação do artista Advânio Lessa, da curadora e organizadora do livro, Galciani Neves e da curadora Valquíria Prates. Local do lançamento: na exposição *Cartografia de encontros: arquivos do Programa de residências IA*, Galeria “Nello Nuno” – FAOP, rua Getúlio Vargas, 185, Rosário.

19h
Performance audiovisual LITERATURApraDANÇAR, de Juliano Mendes e Henrique Rocha, no Adro da Capela Nossa Senhora das Dores do Monte Calvário, rua Dr. Tenente Pereira, Antônio Dias.

20h
Show musical da Atlântica Banda
Local da apresentação: rua Dr. Tenente Pereira, Antônio Dias, Adro da Capela Nossa Senhora das Dores do Monte Calvário.

21h
Pocket-show autoral de Sofia Só
Local da apresentação: rua Dr. Tenente Pereira, Antônio Dias, Adro da Capela Nossa Senhora das Dores do Monte Calvário.

Nascida em Mariana e residente em Ouro Preto, a artista independente Sofia Só estreia seu primeiro pocket-show autoral, trazendo sonoridades eletrônicas, instrumentos, e voz complementando-os com líricas resultantes de estudos textuais e da improvisação.

Sofia Só transmuta em suas músicas as reflexões, perspectivas, análises e sentimentos que tem sobre sua vida tridimensional, a partir de uma atmosfera estética digital-analógica. Partindo de referências Dream Pop, R&B, Dance Music, Psychedelic Music, Pós-Punk e Trip-Hop, a artista cria sempre a partir da premissa de experimentação de sons, não se restringindo a qualquer gênero musical.

O pocket-show “Sofia Só: Ao Cubo!” nasce para dar corpo a essas canções e criações artísticas, trazendo o acontecimento para o presencial no intuito de gerar conexão, fruição, reflexão e euforia. O músico Pinduca Batera conflui com as canções na bateria, resultando assim em uma sublime explosão artística.

22h
Show musical de Craca e Dani Nega
Local da apresentação: rua Dr. Tenente Pereira, Antônio Dias, Adro da Capela Nossa Senhora das Dores do Monte Calvário.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Todas as exposições: de 11/08 a 16/10
Advânio Lessa: de 11/08 a 27/08

13/08

11h
Performance de Abiniel João Nascimento, *Eu, o fantasma que vos fala*, no Museu da Inconfidência, Praça Tiradentes, 139.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

FACA, da artista Beatriz Toledo
Mostra EstandArtes, de Ana Fátima Carvalho
Oficina Presenças, de Jorge Lopes
Museu das Confidências, de Lygia Peçanha
Um plano infalível, de Bárbara Bija

17/08

11h
Lançamento do livro *O negro visto por ele mesmo*, de Beatriz Nascimento, com o organizador do livro, Alex Ratts. Local do lançamento: Sala IA, Galeria “Nello Nuno” – FAOP, rua Getúlio Vargas, 185, Rosário.

15h
Encontros com a Arte Contemporânea
Mesa 1 – *Reencenar o mistério*, com organização e mediação de João Simões e a participação de Adriano Machado, Zica Pires e Yhuri Cruz. Local: Auditório do Anexo do Museu da Inconfidência, localizado na rua Antônio Pereira, 3, Centro.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Todas as exposições: de 11/08 a 16/10
Advânio Lessa: de 11/08 a 27/08

18/08

15h
Encontros com a Arte Contemporânea
Mesa 2 – *Memória, Arte Contemporânea e Patrimônio*, com organização e mediação de Alex Calheiros, participam Josi, Marcelo Araújo e Ana Avelar. Local: Auditório do Anexo do Museu da Inconfidência, localizado na rua Antônio Pereira, 3, Centro.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

Programa de rádio e TV exibido durante o período de férias escolares.

15h
Encontros com a Arte Contemporânea
Mesa 2 – *Memória, Arte Contemporânea e Patrimônio*, com organização e mediação de Alex Calheiros, participam Josi, Marcelo Araújo e Ana Avelar. Local: Auditório do Anexo do Museu da Inconfidência, localizado na rua Antônio Pereira, 3, Centro.

19/08

10h
Apresentação da performance “Sublimar”, com Sofia Só e Lû Coelho Gomes. Local da apresentação: Pátio do Anexo do Museu da Inconfidência, localizado na rua Antônio Pereira, 3, Centro.

11h
Encontros com a Arte Contemporânea
Mesa 3 – *Fabulações do corpo*, com organização e mediação de Christine Greiner e a participação de Efe Godoy, Eleonora Fabião e Pablo Assumpção. Local: Auditório do Anexo do Museu da Inconfidência, localizado na rua Antônio Pereira, 3, Centro.

Semana de Arte Contemporânea de Ouro Preto

Realização:
IA - Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto

Idealização e Direção Geral
Bel Gurgel

Assistente de Direção
Mariana Mello
Sirlene Ciampi

Exposições do Programa de Residências IA:
Curadoria: Tainá Azeredo e Valquíria Prates

O corpo invisível da memória
Cartografia de encontros: arquivos do Programa de Residências IA
Artistas participantes: Abiniel João Nascimento, Adriano Machado, Ana Fátima Carvalho, Ana Paixão de Carvalho, Bárbara Bija, Bárbara Mol, Beatriz Toledo, Belize de Melo Neves, Bruno Novaes, Charlene Bicalho, Douglas Aparecido, Duo Paisagens Móveis, Efe Godoy, Felipe Rezende, Jorge Lopes, Josi, Lucas Soares, Lygia Peçanha, Massuelen Cristina, Nita Monteiro, Pedro Ton, Shima, Suttane Hoffmann, Sylvia Vartuli, Tiago Aguiar, Walla Capelobo, Washington da Selva, Xikão Xikão, Yanaki Herrera, Yná Kabe Rodríguez.

Exposições do programa de pesquisa em arte contemporânea IA:
Curadoria Valquíria Prates
Ano que vem brilharei, Emiliana Marquetti
Se quiser saber do fim, preste atenção no começo, Advânio Lessa

Exposição do programa de arte e tecnologias IA:
Textos curatoriais de Wagner Nardy
Ouvir, Craca
Sublimar_04, performance de Sublimar

Produção
Bruna Saraiva
Rafaella Fantauzzi
Eudes dos Anjos

Ações comunitárias em Antônio Pereira
Curadoria: Tainá Azeredo e Valquíria Prates
Artistas: Ana Fátima Carvalho, Bárbara Bija, Beatriz Toledo/F.A.C.A, Jorge Lopes, Lygia Peçanha

Programa Educativo Efigênia Carabina
Coordenação: Fabíola Rodrigues, com a colaboração de Jorge Lopes
Mediadores estagiários: Ana Beatriz Ferreira Ribeiro de Souza, Ana Lara de Deus, Bruno da Cruz Rocha, Igor Martir Pascoal das Graças, Isa Vitória de Sousa Sales, Isis Paula Moura Faria, Keyla Fernanda Duarte Oliveira, Luana Brunely da Silva, Marine Aparecida Milani, Paulo Henrique Gomes Libanio.

Expografia
Álvaro Razuk
Flávia Doudemant

Coordenadora de Montagem Expográfica
Lara Brandão

Equipe de Montagem
Matheus Evangelista, Yara Aparecida Ferreira, Hugo Dolabella Torres, Gilson Raimundo Passos

Iluminação e cenografia
Spot Iluminação, André Stefson

Shows e sets musicais
Julliano Mendes e Henrique Rocha
Banda Atlântica
Sofia Só e Lucas Serra
Craca Beat e Dani Nega – Multipla Produção Cultural
DJAH! – Jjahi Amani

Projeção
Craca Beat

Lançamentos de Livros
Galciani Neves
Alex Ratts
Christine Greiner

Mesas Encontros com a Arte Contemporânea
Organização e mediação
João Simões
Christine Greiner
Alex Calheiros
Com a colaboração de Tainá Azeredo e Valquíria Prates

Convidados
Adriano Machado, Ana Avelar, Zica Pitres, Yhuri Cruz, Josi, Marcelo Araújo, Efe Godoy, Eleonora Fabião, Pablo Assumpção

Intérprete de libras
Carol Mezanto

Coordenação de Comunicação
Thaísa Pires

Gestão de Redes Sociais
DoizUm Comunicação

Assessoria de Imprensa
Renata Sherman

Identidade Visual e projeto gráfico
Bloco Gráfico

Serviços de design
Lucca Passos Vianna, Sofia Boldrini

Registro e edição de vídeo
Vellozia Filmes

Fotografia
Lucas de Godoy
Makeplug Produtora

Engenheiro Civil RT:
César Figueiredo

Marcenaria e carpintaria
Célio Alves de Souza

Eletricista
Wanderley Romulo Mendes

Som, Palco e Luz
Fernadelli – GENESIS
SONORIZAÇÃO E ILUMINAÇÃO

Serralheiros
Júlio César Ferreira
Arthur Polleto

Cantaria
Brazil Stones

Impressões
TRAMA Comunicações

Projeto SketchUp
Ângela Poletto

Direção Financeira
Virgínia Alves

Assistente Financeira
Valéria Alves

Assessoria Jurídica
CQSFV Advogados

Assessoria de Contabilidade
Nobilitá Contabilidade Ltda

Gestão do site
Gerhard Diefenthaeler

Transporte
Transporte Mariana

Patrocínio Master
Instituto Cultural Vale

Parceria
Museu da Inconfidência
FAOP – Fundação de Arte de Ouro Preto

Apoio Ouro
Loja Elétrica
Phillips

Apoio Prata
Varanda Gastro Pub 1921

Apoio Cultural
Luiz Porto Vinhos Finos
Cachaça Milagre De Minas
Brumas Hostel
Pousada dos Ofícios
Engelig
Botânico Chocolateria e Gelateria
Hotel Colonial
Hotel Solar das Lajes

Agradecimentos
Rosalina Neves de Assis
Carla Janne Farias Cruz
Carolina Drummond
Caramel au Chocolat
Margareth Monteiro
Flávio Malta
Human Atendimento
Danielle Vinhadel
Alexandra Tristão
Tom de Lima
Bazar Faria
Família Efigênia Carabina
Restaurante Bené da Flauta
Grand Tour Turismo
Único lugar do Mundo
Buena Vista Hostel
Restaurante Chafariz
Rena Café
Pousada Casa dos Meninos
Pousada Casa do Pilar
Pousada Chico Rey
O Passo Pizza Jazz
Tendências Mag
Solar do Rosário
Hotel Solar de Maria
Café das Flores
Jair Boêmio
Madá Café
Casa do Ouvidor
Tomate
Leopoldo Gurgel
Ana Cruz
Kellen Peixoto
Eduarda Barçante
Flávia Doudement
Secretaria Regional de Educação
Livraria Outras Palavras
Larissa Kamei
Mara Inês Pires da Costa



Patrocínio



Idealização



SEMANA DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DE OURO PRETO



Apoio Cultural



Apoio Institucional



Parceria



Realização

